



UC/FPCE 2012

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Padrões Emocionais associados aos Esquemas subjacentes ao Comportamento Anti-social - estudos com adolescentes da população geral e com jovens delinquentes

Daniela Filipe Pires Simões Rodrigues
(e-mail: danielafpsrodrigues@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia, na área de especialização Intervenções Cognitivo-Comportamentais nas Perturbações Psicológicas e Saúde, sob a orientação do Professor Doutor Daniel Maria Bugalho Rijo

Investigação realizada no âmbito do Projecto de I&D “Gerar Percursos Sociais, um programa de prevenção e reabilitação para indivíduos com comportamento social desviante: estudos de eficácia em amostras forenses” (PTDC/PSI-PCL/102165/2008), financiado pela FCT e sediado no CINEICC, numa parceria com a DGRS e a DGSP



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



Programa Operacional da Região de Lisboa

QUADRO DE REFERÊNCIA ESTRATÉGICO NACIONAL

UNIÃO EUROPEIA
Fundo Social Europeu

Centro de Investigação e Intervenção Cognitivo-Comportamental

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DIRECÇÃO-GERAL DE REINTEGRAÇÃO SOCIAL

Padrões Emocionais associados aos Esquemas subjacentes ao Comportamento Anti-social - estudos com adolescentes da população geral e com jovens delinquentes

Resumo

A literatura no âmbito da Terapia Focada nos Esquemas (Young, 1990; Young & Klosko, 1994; Young, Klosko, & Weishaar, 2003), bem como a experiência clínica revelam que os Esquemas Mal-adaptativos Precoces (EMP) são disfuncionais não apenas porque enviesam o processamento de informação relevante para o conteúdo do EMP, mas também devido à activação emocional disruptiva que a activação esquemática despoleta.

O presente estudo visa aprofundar o conhecimento acerca da especificidade do padrão emocional associado à activação dos EMP Abandono, Defeito, Fracasso, Desconfiança/Abuso, Isolamento Social, Privação Emocional, Grandiosidade e Auto-controlo suficiente - postulados como subjacentes ao comportamento anti-social (Rijo & Sousa, 2004; Bernstein, Arntz, & Vos, 2007; Rijo, Sousa, Lopes, Pereira, Vasconcelos, Mendonça, Silva, Ricardo, & Massa, 2007). Pretende-se igualmente testar se a intensidade da activação emocional varia em função do endosso no esquema e se a intensidade da activação emocional varia em função do grau de patologia comportamental.

Para a prossecução destes objectivos, foi utilizada uma metodologia de activação emocional através da aplicação do Inventário de Esquemas por Cenários Activadores – Comportamento Anti-social (IAECA-CA, M. Capinha, D. Rijo & J. Pinto Gouveia, 2009). Foi utilizada uma amostra global de 1183 sujeitos entre os 12 e os 19 anos de idade, que é constituída por três amostras principais: amostra de jovens normais (n=707), amostra de jovens com Perturbação de Oposição (n=129) e amostra de jovens com Perturbação de Conduta (n=347).

Os resultados permitiram encontrar um padrão de activação emocional qualitativamente distinto associado a cada EMP postulado como subjacente ao comportamento anti-social (com excepção do EMP Grandiosidade). Por outro lado, mostram que os sujeitos com o EMP apresentam maior intensidade da activação emocional específica do que os sujeitos sem o EMP, qualquer que seja o EMP em análise. Além disso, ainda que nem sempre hajam diferenças estatisticamente significativas entre os três grupos de sujeitos em comparação (jovens normais, jovens com Perturbação de Oposição e jovens com Perturbação de Conduta), parece haver uma tendência relativamente ao grau de intensidade da activação emocional disruptiva: os jovens sem perturbação comportamental têm claramente menor activação emocional disruptiva e quem activa de forma mais intensa o são os jovens com Perturbação de Oposição.

Palavras-chave: Esquemas Mal-adaptativos Precoces, activação emocional disruptiva, comportamento anti-social

Emotional Patterns related to Schema underlying Antisocial Behaviour - studies with adolescents from general population and delinquent youths

Abstract

The literature on Schema Focused Therapy (Young, 1990; Young & Klosko, 1994; Young, Klosko, & Weishaar, 2003) and clinical experience show that Early Maladaptive Schemas are dysfunctional not only because they cause biases on the processing of information which is relevant to the content of EMP, but also due to disruptive emotional arousal that schematic activation triggers.

This study aims to deepen the knowledge about the specificity of the emotional activation pattern associated with Abandonment, Defectiveness/Shame, Failure, Mistrust/Abuse, Social Isolation, Emotional Deprivation, Grandiosity and Insufficient Self-control schemas - postulated as underlying antisocial behavior (Rijo & Sousa, 2004; Bernstein, Arntz, & Vos, 2007; Rijo, Sousa Lopes Pereira, Vasconcelos, Mendonça, Silva, Ricardo, & Massa, 2007). We also intend to test if the intensity of emotional activation varies according to the schema presence and if the intensity of emotional activations varies due to the degree of behavioral pathology.

To the prosecution of these goals it was used an emotional activation procedure through the Schema Assessment Inventory through Activating Scenarios – Anti-Social Behaviour (IAECA-CA, M. Capinha, D. Rijo & J. Pinto Gouveia, 2009). It was used a global sample of 1183 subjects with ages between 12 and 19 years old. This large sample is constituted by three principal samples: a sample of normal youths (n=707), a sample of youths with Oppositional Defiant Disorder (n=129) and a sample of youths with Conduct Disorder (n=347).

The results allowed to find a qualitatively distinct emotional activation pattern associated with each schema postulated as underlying antisocial behavior (except for Grandiosity schema). On the other hand, the results show that subjects with a schema have a higher intensity of emotional specific activations than subjects without that schema, whatever be the schema analyzed. Furthermore, although not always there are statistically significant differences among the three groups of subjects in comparison (normal youths, youths with Oppositional Defiant Disorder and youths with Conduct Disorder), there seems to be a tendency for the intensity of disruptive emotional activation: youths without behavioral disturbance have clearly less disruptive emotional activations and youths with Oppositional Defiant Disorder are the ones who active more intensely.

Key Words: early maladaptive schemas, disruptive emotional activation, antisocial behaviour

Agradecimentos

Ao Professor Daniel Rijo pela orientação, pelos comentários e sugestões que permitiram enriquecer este trabalho. Pela oportunidade de aprendizagem e pelo entusiasmo e motivação que transmite.

À Carolina e ao Nélio pela disponibilidade ao longo deste trabalho, pela ajuda nas análises estatísticas de dados e pelas revisões, pelo apoio e incentivo, principalmente nesta última etapa.

À Dra. Mariana Ramos pela preciosa ajuda nas “decisões estatísticas”, que também contribuiu para a qualidade e rigor dos resultados apresentados.

A todos os amigos que me apoiaram.

Aos meus pais por tudo.

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento Conceptual	2
1. Comportamento Anti-social	2
2. Variáveis cognitivas e Comportamento Anti-social	4
3. Esquemas Mal-adaptativos Precoces e Comportamento Anti-social	5
4. Esquemas Mal-adaptativos Precoces, Emoções e Comportamento Anti-social	9
II – Objectivos	11
III – Metodologia	13
1. Caracterização da Amostra	13
2. Instrumentos utilizados	15
3. Metodologia de investigação	16
4. Procedimentos estatísticos	17
IV – Resultados	18
1. Estudo 1 - Emoções associadas aos Esquemas Mal-adaptativos Precoces subjacentes ao comportamento anti-social	18
2. Estudo 2 - Intensidade da Activação Emocional consoante o endosso nos EMP	25
3. Estudo 3 - Intensidade da Activação Emocional em função do grau de perturbação comportamental	27
V – Discussão	32
VI – Conclusões	38
Bibliografia	40
Anexos	45

Introdução

O comportamento anti-social é multideterminado, na medida em que resulta de um conjunto de factores que terão influenciado o indivíduo ao longo do seu desenvolvimento (Rijo et al., 2007). Existem numerosos estudos sobre a sua etiologia e que tentam explicar o seu curso desenvolvimental. Todos eles partilham da ideia de que o comportamento anti-social é caracterizado por uma elevada estabilidade e problemas associados a médio e longo prazo, nomeadamente a não obtenção de escolarização mínima, dificuldades em inserir-se em grupos sociais que não sejam marginais, sentimentos de inferioridade e definição de um estilo de vida e de uma identidade desviante. Percebe-se, assim, a necessidade de intervir precoce e eficazmente com estes indivíduos, daí que sejam relevantes estudos nesta área junto das populações mais jovens.

Investigação recente tem-se debruçado no estudo do auto-conceito dos indivíduos com comportamento desviante ou anti-social. Existe razoável consenso de que estes indivíduos apresentam tipicamente EMP de Abandono, Defeito, Fracasso, Desconfiança/Abuso, Isolamento Social, Privação Emocional, Grandiosidade e Auto-controlo Insuficiente (Rijo & Sousa, 2004; Rijo et al., 2007). Estes EMP são padrões cognitivos e emocionais estáveis que são disfuncionais e mal-adaptativos não só porque enviesam o processamento de informação congruente com o conteúdo do esquema, mas também porque a sua activação gera níveis elevados de afecto disruptivo.

Percebe-se, assim, que as emoções sejam uma importante componente na conceptualização dos EMP. Contudo, esta, além de ser pouco definida ou descrita pelos autores da Terapia Focada nos Esquemas (Young, 1990; Young e Klosko, 1994; Young, Klosko, & Weishaar, 2003) também tem sido alvo de poucos estudos, com excepção de alguns autores (Capinha, 2009; Rijo, 2009; Pinto, 2010) que encontraram associações entre os EMP e algumas emoções específicas, ainda que tenham sido sobretudo estudos de natureza descritiva.

Na nossa perspectiva, clarificar a natureza do padrão emocional associado à activação dos EMP postulados como subjacentes ao comportamento anti-social revela-se pertinente, pois permitiria compreender e explicar parte dos problemas dos indivíduos com comportamento desviante, nomeadamente as explosões temperamentais, as reacções impulsivas e agressivas e os comportamentos de ataque, frequentes nesta população.

I – Enquadramento conceptual

1. Comportamento anti-social

O comportamento anti-social é amplamente definido como um padrão estável de desrespeito pelos direitos dos outros ou de violações das normas sociais e leis próprias de uma determinada comunidade. Este tipo de comportamentos inclui desde simples comportamentos de oposição até crimes graves contemplados no código criminal. Além disso, o comportamento anti-social pode apresentar características diferentes consoante a idade e a fase da vida, bem como as motivações que lhes estão subjacentes e as consequências associadas, assumindo assim diferentes fenótipos na infância, na adolescência ou na vida adulta (Fonseca, 2000). De uma forma geral, os indivíduos ditos anti-sociais apresentam comportamentos como agressividade, desobediência, oposição, baixo controle de impulsos, roubos, entre outros (Patterson, Reid & Dishion, 1992).

O comportamento anti-social é um fenómeno muito comum na sociedade, demonstra uma elevada estabilidade ao longo do tempo, tem um prognóstico pobre e está geralmente associado a diversos outros problemas. Dados de vários estudos longitudinais revelam que o comportamento anti-social da criança constitui um bom preditor de vários problemas na idade adulta, como consumo de álcool, abuso físico dos filhos e dos cônjuges, instabilidade no emprego, promiscuidade sexual, transgressões rodoviárias e outras condutas de risco (Fonseca, 2000).

Apesar de na literatura o termo anti-social ser utilizado diversas vezes para fazer referência a características de algumas perturbações mentais, este tipo de comportamentos não significa necessariamente a existência de uma perturbação. Por exemplo, perante determinados contextos pode ser adaptativo, assegurando a integridade e sobrevivência do indivíduo. Por outro lado, há períodos, como a adolescência, em que a sua manifestação adquire um carácter normativo face às transformações desenvolvimentais típicas desta fase. Contudo, por vezes, estes comportamentos, pela sua gravidade, cronicidade e grau de interferência, incluem-se em determinados quadros de perturbações, como a Perturbação de Oposição e a Perturbação do Comportamento na infância e adolescência, e a Perturbação Anti-social da Personalidade no adulto (Connor, 2002; Fonseca, 2000; Moffitt & Caspi, 2000).

A Perturbação de Oposição (PO) diz respeito a um padrão de comportamento negativista, hostil e desafiante, sendo caracterizada por teimosia, oposição, agressão verbal, temperamento difícil, desobediência, dificuldade em reconhecer os erros e intenção deliberada de provocar incomodo aos outros (APA, 2002; Aylward, 2003; Patterson, Reid, & Dishion, 1992).

A Perturbação de Conduta (PC) é caracterizada por um padrão de comportamento repetitivo e persistente, em que são violados os direitos básicos dos outros ou importantes regras ou normas sociais próprias para a idade. Os comportamentos típicos deste quadro agrupam-se em:

comportamentos agressivos que ameaçam ou causam sofrimento às pessoas ou aos animais, comportamentos que causam prejuízos ou destruição de propriedade, falsificação ou roubos e violações graves das normas (APA, 2002). Comparativamente à PO, a PC é mais estável e de natureza mais severa, surgindo habitualmente no final da infância ou início da adolescência (Connor, 2002).

A Perturbação de Oposição e a Perturbação de Conduta, tendo em conta os seus pontos em comum, são vistas num *continuum* das chamadas perturbações disruptivas, ou externalizantes, em que a PO é vista como a menos grave, menos persistente e com melhor prognóstico relativamente à PC. Os comportamentos disruptivos são estáveis, incluem uma gama ampla de dificuldades e aumentam o risco de problemas posteriores, sendo que uma criança que apresenta comportamentos disruptivos tem 50% de probabilidade de manter estes comportamentos na adolescência, assim como é raro encontrar um adulto com comportamento anti-social que não tenha apresentado estes problemas na infância. Além disso, uma criança que apresente PO na infância tem um risco aumentado de desenvolver PC e, uma vez com PC há uma maior probabilidade de em adulto receber o diagnóstico de Perturbação Anti-social da Personalidade. O comportamento anti-social pode ser assim visto num *continuum* de gravidade, desde problemas sub-clínicos até à Perturbação Anti-social da Personalidade, num extremo de gravidade do comportamento anti-social. (Aylward, 2003; Connor, 2002; Farrington, 1997; Lahey & Loeber, 1997; Loeber, Burke, Lahey, Winters, & Zera, 2000).

A Perturbação Anti-Social da Personalidade refere-se a um padrão persistente de desrespeito e violação dos direitos dos outros, que ocorre desde os 15 anos de idade e é caracterizado por aspectos como: incapacidade para se conformar a normas sociais, comportamento fraudulento, impulsividade ou incapacidade para antecipar consequências, irritabilidade e agressividade (APA, 2002).

O comportamento anti-social é um fenómeno complexo, no qual intervém múltiplos factores explicativos da sua etiologia, que se conjugam entre si e se potenciam ao longo do desenvolvimento do individuo. Tais factores podem ser agrupados em factores individuais (temperamento difícil, défices cognitivos, lesões no sistema nervoso central, genética, hiperactividade, impulsividade, idade precoce dos primeiros comportamentos, nível cognitivo baixo), factores familiares (estilos parentais inadequados, falta de apoio e suporte emocional, negligência e abuso parental, violência e criminalidade na família, psicopatologia familiar) e factores socio-culturais (baixo nível socio-económico, insucesso escolar, grupo de pares desviante, desemprego, violência e insegurança na comunidade) (Connor, 2002; Dishion & Patterson, 2006; Kagan, 2004; Loeber e Farrington, 2001; Moffitt e Caspi, 2000; Rutter, 2004; Stoff, Breiling & Maser, 1997).

Em termos desenvolvimentais, Moffitt (1993; 2000) distingue dois tipos de comportamento anti-social. Um de natureza persistente ao longo da vida, associado a um início particularmente precoce e a uma maior

influência dos factores de risco individuais e familiares, sendo caracterizado por uma grande estabilidade. Seriam essencialmente os estilos parentais inadequados e os problemas de comportamento que levariam a criança a associar-se mais cedo a colegas delinquentes. Por outro lado, o comportamento anti-social limitado à adolescência, observado na maior parte dos adolescentes e podendo considerar-se um fenómeno mais normativo, apresenta uma taxa muito mais baixa destes factores de risco. Na sua origem estariam factores psicossociais como o desfasamento entre a maturidade biológica e a falta de estatuto social adequado, bem como a admiração e imitação de colegas delinquentes (Moffitt, 1993; Moffitt & Caspi, 2000).

Já Dishion & Patterson (2006) distinguem comportamentos anti-sociais de início precoce e comportamentos anti-sociais de início tardio, na adolescência, sendo o primeiro tipo mais grave do que o segundo, tanto a nível de prognóstico a médio e longo prazo como a nível da resistência à intervenção. Os autores sugerem três domínios envolvidos na etiologia do comportamento anti-social, que explicariam a idade de início e a severidade do comportamento anti-social: dinâmicas relacionais (a interacção com pais, irmãos e pares), estímulos e características contextuais em que ocorrem estas relações, e a capacidade de auto-regulação. A trajectória de início precoce seria influenciada primeiramente pela falta de competências parentais e estilos parentais inadequados, onde os próprios pais valorizam o comportamento social, e mais tarde pela interacção com pares delinquentes. As transgressões de início precoce constituem um bom preditor de uma carreira delinvente prologada e diversificada e também de vários problemas de adaptação e de saúde mental (Dishion & Patterson, 2006; Fonseca, 2000; Patterson & Yoerger, 2002; Rutter, 2004).

Assim, tendo em conta a elevada estabilidade temporal, o curso desenvolvimental e os problemas associados ao comportamento anti-social, intervir precocemente nos jovens comportamento anti-social assume-se de extrema importância.

2. Variáveis cognitivas e Comportamento Anti-social

Apesar de todos os factores de risco poderem predispor um individuo a agir de forma agressiva, vários estudos sugerem que as variáveis cognitivas actuam como mediadores através do qual estes factores levam à agressão (Dodge & Schwartz, 1997; Dodge & Petit, 2003). De facto, as variáveis de natureza cognitiva parecem desempenhar um papel central como mediadoras entre a experiência e o desenvolvimento de um estilo de comportamento anti-social (Dodge & Schwartz, 1997; Rijo et al., 2007).

Um dos modelos cognitivos mais estudados e aceites ao nível do comportamento anti-social em crianças e adolescentes é o modelo do processamento anti-social de Dodge (1986). Na sua versão reformulada, Crick e Dodge (1994), propõem que o processamento de informação ocorre em seis estádios (cada um destes caracterizado pela realização de uma ou um conjunto de operações mentais específicas) e que as crianças agressivas apresentam uma série de enviesamentos e défices que ocorrem

sistematicamente ao nível do processamento de informação perante situações sociais ambíguas, conduzindo a uma escolha inadequada da resposta comportamental: (a) a criança codifica e presta atenção, de forma selectiva, a pistas associadas a uma intenção hostil, (b) interpreta que o outro agiu com uma intenção hostil, (c) selecciona objectivos hostis, (d) gera soluções agressivas às provocações interpretadas; (e) antecipa consequências positivas da resposta agressiva, e (f) responde de forma agressiva.

Alguns estudos têm sugerido que o processamento de informação dos indivíduos agressivos é guiado por estruturas mentais subjacentes, que têm a forma de crenças normativas acerca da adequação da agressão, como a crença de que a agressão é justificada (e.g., porque o outro merece) e que conduz a resultados positivos para o próprio (e.g., vai-me respeitar) (Dodge & Pettit, 2003; Huésmann & Guerra, 1997). Num estudo com a população adolescente, Calvete (2007) mostrou que estas crenças de justificação da violência estão associadas a comportamentos agressivos e delinquentes. Os seus resultados sugerem que as crenças de que a violência é legítima em interacções sociais têm um importante papel como antecedentes cognitivos do comportamento agressivo e delinvente, sendo um dos mecanismos através dos quais a violência é perpetuada.

Os estudos no âmbito dos modelos cognitivo-comportamentais têm identificado correlatos cognitivos associados ao comportamento anti-social, no entanto têm-se debruçado predominantemente nas distorções cognitivas e na (des)regulação emocional destes indivíduos e não tanto no seu auto-conceito.

3. Esquemas Mal-adaptativos Precoces e Comportamento Anti-social

Recentemente vários estudos acerca das variáveis estruturais têm emergido, possibilitando uma melhor compreensão acerca da auto-representação dos indivíduos com comportamento anti-social.

O modelo cognitivo propõe que o processamento de informação é determinado por estruturas nucleares ou esquemas cognitivos (Ingram & Kendall, 1986 cit in Rijo, 2000, 2009). O conceito de esquema ou estrutura cognitiva constitui um dos constructos teóricos mais utilizado para explicar o comportamento humano, em particular o comportamento associado à psicopatologia (Rijo, 2000, 2009).

No âmbito dos modelos cognitivos em psicoterapia, têm sido vários os autores (e.g., Beck, 1976; Beck, Emery, & Greenberg, 1985; Beck, Freeman, & Associates, 1990; Ellis & Bernard, 1985; Safran & Segal, 1990; Young, 1990) que utilizaram o conceito de esquema cognitivo, atribuindo-lhe inclusivamente designações diferentes, no entanto todos partilham da ideia de que os esquemas cognitivos dizem respeito a estruturas internas nas quais a informação está organizada e representada e que são responsáveis pela interpretação e atribuição de significado. Beck, no contexto da Terapia Cognitiva, define esquemas cognitivos como representações estáveis do conhecimento acerca de si próprio, dos outros e do mundo, que orientam o processamento de informação e estão na base da construção e atribuição de

significados, determinando, assim, a forma como a realidade é percebida e conceptualizada (Beck, 1979; Beck, Emery, & Greenberg, 1985; Beck, Freeman, & Associates, 1990). Para o este autor, o que está na base da maioria das perturbações psicológicas seriam esquemas ou crenças distorcidas (disfuncionais), que distorcem o processamento da informação e que, por isso, a terapia deveria ser direccionada para a correcção ou modificação destes esquemas ou crenças (Beck, 1979; Beck, Emery, & Greenberg, 1985; Beck, Freeman, & Associates, 1990).

Young (1990) desenvolveu a Terapia Focada nos Esquemas (TFE) para o tratamento de doentes com perturbações crónicas, como o caso das perturbações da personalidade, pela constatação de que a terapia cognitiva breve não dava uma resposta muito eficaz no tratamento com estes doentes. Assim, a TFE surge como uma abordagem integradora que expande a Terapia Cognitiva de Beck, dando um maior destaque à exploração das origens dos problemas psicológicos na infância e adolescência, aos estilos de *coping* mal-adaptativos, bem como, a nível da intervenção, às técnicas emocionais, comportamentais e interpessoais (Young, 1990, Young et al., 2003).

Segundo Young (1990), os Esquemas Mal-adaptativos Precoces são “*temas extremamente estáveis e duradouros que se desenvolvem durante a infância e são elaborados através da vida do individuo*” (Young, 1990, p.9). Dizem respeito a padrões cognitivos e emocionais, utilizados no processamento da experiência, que se originam precocemente, a partir de um conjunto de experiências nocivas repetidas ao longo da infância e adolescência, particularmente com as figuras parentais e os pares. Constituem crenças acerca de si próprio, dos outros e do mundo, e são significativamente disfuncionais, auto-perpetuadores e bastante resistentes à mudança, permanecendo ao longo da vida do individuo. São ainda activados por situações ou acontecimentos relevantes para o seu conteúdo, sendo esta activação acompanhada de níveis elevados de afecto disruptivo (Young, 1990; Young & Lindemann, 1992; Young et al., 2003).

Os EMP são mantidos e perpetuados através de três processos esquemáticos: processos de manutenção (ocorrem através das distorções cognitivas definidas por Beck ou de padrões comportamentais auto-lesivos - os indivíduos agem de forma a confirmar o seu esquema); processos de evitamento (traduzem-se em tentativas de evitar situações ou pensamentos que activariam o esquema, de forma a evitar o desconforto emocional que esta activação acarreta, ou de bloquear as emoções quando este é activado); e processos de compensação (referem-se à adopção de estilos cognitivos ou comportamentais que parecem ser o oposto do que seria esperado para alguém com aquele esquema) (Young, 1990; Young et al., 2003).

Após algumas adaptações, actualmente a TFE postula 18 esquemas, agrupados em cinco domínios do funcionamento (Young et al., 2003).

Vários autores (e.g., Calvete, 2007, 2008; Bernstein, 2007) têm tentado encontrar associações entre os EMP e o comportamento anti-social.

Como exemplo, Ball e Cecero (2001), numa amostra de 41 doentes com perturbações da personalidade e dependência de substâncias,

encontraram uma associação entre a Perturbação da Personalidade Anti-social e os EMP de Desconfiança/Abuso, Inibição Emocional e Vulnerabilidade ao Mal.

Numa amostra clínica de adolescentes, Lewis (2005) efectuou um estudo para averiguar a relação entre EMP e personalidade anti-social, onde apresenta resultados que indicam que a perturbação do comportamento se encontra positivamente relacionada com os EMP de Auto-controlo e Auto-disciplina Insuficiente, e Inibição Emocional.

Calvete (2008) realizou um outro estudo com 974 adolescentes, o qual mostra que a crença de que se é superior e se tem direitos especiais (correspondente ao EMP de Grandiosidade) constitui um factor de risco e prediz para o comportamento anti-social e delinquente.

Com o objectivo de estudar a relação entre os esquemas de justificação de violência, narcisismo e abuso, e a agressividade (reactiva e proactiva) e averiguar se esta relação é ou não mediada pelo processamento de informação social, Calvete & Orue (2010) realizaram um estudo numa amostra de 1371 adolescentes. Os resultados mostraram que os esquemas cognitivos de justificação da violência (crenças de que o uso da agressão é justificado) e narcisismo (equivalente ao EMP de Grandiosidade) são mais relevantes para a agressão proactiva, enquanto o esquema de abuso (correspondente ao EMP de Desconfiança/Abuso) parece ser mais relevante para a agressão reactiva. O processamento de informação social parece mediar particularmente a associação entre esquemas cognitivos e agressão reactiva. Cada esquema mostrou estar associado com componentes particulares do processamento de informação social: o esquema de justificação da violência e abuso com a componente de interpretação, e o narcisismo com a experiência de raiva. Além disso, o esquema de abuso foi negativamente associado com a selecção de respostas agressivas (Calvete & Orue, 2010).

Num outro estudo, em sete hospitais psiquiátricos do sistema prisional holandês, realizado por Bernstein e colaboradores (2007), os resultados apontam os EMP de Desconfiança/Abuso, Defeito, Fracasso, Abandono, Privação Emocional, Indesejabilidade Social, Grandiosidade e Auto-controlo Insuficiente, como os mais prevalentes em indivíduos com comportamento anti-social.

São precisamente estes oito EMP referidos por Bernstein que Rijo e colaboradores (2004, 2007), através da sua experiência clínica junto de adolescentes e jovens adultos com comportamento anti-social, apontam como os esquemas constitutivos do auto-conceito destes jovens, e que fazem parte dos pressupostos subjacentes ao programa Gerar Percursos Sociais (GPS), elaborado por estes profissionais e destinado à prevenção secundária e reabilitação psicossocial de jovens em risco ou que apresentem comportamento desviante, visando a redução do comportamento anti-social e agressivo através da mudança provocada no processamento distorcido da informação (Rijo & Sousa, 2004; Rijo et al., 2007).

No mesmo sentido, com o objectivo de avaliar a relação entre esquemas precoces mal-adaptativos e a agressividade, Tremblay & Dozois

(2009) realizaram um estudo com uma amostra de 847 jovens adultos. Os resultados indicam que os EMP se associam de forma significativa e positiva com a agressividade, sendo os preditores mais fortes da agressividade os EMP de Desconfiança/Abuso, Grandiosidade, Auto-Controlo Insuficiente, Isolamento Social.

Estes estudos mostram que, de facto, parece existir um conjunto de crenças nucleares acerca do Eu (Esquemas Mal-adaptativos Precoce) subjacentes ao comportamento anti-social. No Quadro A descrevem-se brevemente estes EMP.

Quadro A. Descrição dos EMP subjacentes ao comportamento anti-social (adapt. de Young, Klosko & Weishaar 2003)

EMP	Descrição
Abandono	Percepção de que os outros significativos não estão disponíveis para continuar a fornecer suporte emocional, afiliação e protecção, porque são emocionalmente instáveis e imprevisíveis ou não são de confiança, ou podem morrer a qualquer momento, ou abandonar o indivíduo em favor de alguém melhor.
Defeito	Sentimento de que se é defeituoso, mau, indesejado, inferior ou sem valor em aspectos importantes, ou que não seria amado pelos outros significativos se se expusesse. Pode envolver hipersensibilidade à crítica, rejeição e culpa e sensação de vergonha excessiva em relação a si mesmo.
Fracasso	Crença de que se fracassou, de que se irá inevitavelmente fracassar, ou de que se é fundamentalmente inadequado relativamente aos pares em áreas de realização pessoal (escola, carreira, desporto, etc.). Envolve frequentemente a crença de que se é estúpido, inapto, sem talento e com pouco sucesso relativamente aos outros.
Desconfiança /Abuso	Expectativa de que os outros o irão magoar, abusar de si, humilhar, trair, mentir, manipular ou tirar proveito de si, de forma intencional ou por negligência injustificada e extrema.
Isolamento Social	Sentimento de que se está isolado do resto do mundo, de que se é diferente das outras pessoas e/ou de que não se faz parte de um grupo ou comunidade.
Privação Emocional	Expectativa de que os outros não irão satisfazer adequadamente a necessidade do indivíduo de suporte emocional, em termos de atenção, afecto, compaixão, compreensão, partilha mútua de sentimentos, força e orientação, por parte dos outros.
Grandiosidade	Crença de que se é superior aos outros e que se tem direitos e privilégios especiais, ou de que não se está sujeito às regras de reciprocidade que guiam a interacção social normal. Frequentemente envolve a insistência de que se pode fazer ou ter o que se quiser, independentemente daquilo que é razoável ou realista e do custo para os outros.
Auto-controlo Insuficiente	Intensa dificuldade ou recusa em exercer suficiente auto-controlo e tolerância à frustração, de forma a atingir os seus objectivos pessoais, ou para conter a expressão emocional excessiva e impulsos.

4. Esquemas Mal-adaptativos Precoces, Emoções e Comportamento Anti-social

Como já foi referido, os EMP são activados por situações ambientais relevantes para o seu conteúdo, sendo que esta activação é acompanhada por níveis elevados de afecto disruptivo e quanto mais rígido for o EMP maior o número de situações susceptíveis de o activar e mais intenso e duradouro é o afecto negativo que despoleta (Young, 1990; Young & Lindemann, 1992; Young, Klosko, & Weishaar, 2003). Assim, os esquemas são mal adaptativos e disfuncionais, não só pelo grau de distorção que provocam no processamento de informação relevante para o seu conteúdo quando são activados, mas também pela intensidade de activação emocional disruptiva que lhe está associada.

Deste modo, sendo a emoção uma parte fundamental na conceptualização de EMP, torna-se pertinente estabelecer claramente quais os padrões de activação específicos para cada um deles. Além disso, o conhecimento da especificidade da activação emocional associada a cada EMP poderá trazer implicações clínicas, na medida em que o impacto das intervenções clínicas e de reabilitação seria não só a diminuição do endosso no esquema mas também a redução do grau de activação emocional disruptiva associada aos primeiros.

No entanto, apesar de haver diversos estudos que testam o modelo hierárquico dos esquemas, a investigação sobre as emoções associadas aos mesmos é escassa. De facto, o modelo teórico é específico e rigoroso ao descrever os esquemas, nomeadamente ao definir a componente cognitiva, mas é pouco explícito quanto a quais as emoções associadas a cada um dos esquemas. Apenas Young & Klosko (1994) descrevem, embora de uma forma vaga, a experiência emocional associada a alguns EMP.

Para tentar ultrapassar esta lacuna, Pinto Gouveia e Rijo (1999, 2006) desenvolveram o Inventário de Avaliação de Esquemas por Cenários Activadores (IAECA) – um novo tipo de questionário que procura não só avaliar os esquemas (9 dos 18 EMP que, pela experiência clínica dos autores, são os que mais frequentemente se associam a níveis elevados de psicopatologia), de uma forma mais fidedigna (i.e., potenciando o auto-conhecimento do sujeito acerca do EMP em causa e colmatando possíveis processos de evitamento cognitivo e emocional ou processos compensatórios que possam ser utilizados pelo indivíduo aquando da activação do EMP) através de uma estratégia de activação emocional (Rijo, 2000; Rijo & Pinto Gouveia, 2001), mas também obter informação sobre quais as emoções mais endossadas pelos sujeitos quando têm determinado esquema. Os estudos de validação da versão revista deste instrumento (IAECA-R) revelaram que este possui boas características psicométricas (Rijo, 2009). Estes estudos mostram também que esta metodologia de avaliação (com recurso a uma estratégia de activação emocional) parece ser, de facto, mais adequada na avaliação dos EMP (Rijo, 2009).

A partir do IAECA, no âmbito do estudo e compreensão do comportamento anti-social em jovens, foi desenvolvido o Inventário de Avaliação de Esquemas por Cenários Activadores - Comportamento Anti-

Social (IAECA-CA, M. Capinha, D. Rijo & J. Pinto Gouveia, 2009), destinado a avaliar em adolescentes e jovens os 8 EMP que se supõem presentes em indivíduos com comportamento anti-social. Para além de um grupo de itens que avaliam o EMP em causa, o IAECA-CA é constituído por uma descrição de um cenário que se supõe associado à formação e/ou activação do EMP em causa e uma listagem de 12 emoções que pretende avaliar as emoções activadas e a sua intensidade em cada EMP. Os estudos de validação factorial realizados por Capinha (2009) e Pinto (2010) numa amostra da população normal e numa amostra da população com problemas do comportamento, respectivamente, revelam que o IAECA-CA possui boas características psicométricas.

No âmbito dos estudos de validação do IAECA-R e do IAECA-CA, Rijo (2009), Capinha (2009) e Pinto (2010) exploraram a componente emocional associada aos EMP, sendo os dois últimos dedicados especificamente aos EMP tidos como subjacentes ao comportamento anti-social. Estes autores mostraram que a cada um dos EMP estão associados diferentes padrões de activação emocional, tal como espectável a partir do modelo teórico (Cf. Quadro B). Contudo, à excepção do estudo de Rijo (2009) de natureza descritiva mas também inferencial, estes estudos têm sido meramente descritivos da experiência emocional, quer sejam realizados com população jovem normal (Capinha, 2009), com sujeitos com perturbações do comportamento (Pinto, 2010), ou com população adulta sem patologia e com perturbações do eixo I e do eixo II (Rijo, 2009). No Quadro B encontram-se sintetizadas as previsões de Young e Klosko (1994), comparativamente aos resultados obtidos por Rijo (2009), Capinha (2009) e Pinto (2010), relativamente às emoções associadas aos referidos EMP.

Quadro B. Emoções postuladas por Young & Klosko (1994) e padrões emocionais encontrados em estudos anteriores (Rijo, 2009; Capinha, 2009; Pinto, 2010)

EMP	Emoções postuladas teoricamente (Young & Klosko, 1994)	Padrões Emocionais associados (Rijo, 2009)	Padrões Emocionais encontrados (Capinha, 2009)	Padrões Emocionais encontrados (Pinto, 2010)
Abandono	Raiva, medo, ansiedade e tristeza	Solidão, Ansiedade	Tristeza, vazio e solidão	Tristeza, solidão, ansiedade e raiva
Defeito	Vergonha, tristeza, culpa e raiva auto-dirigida	Vergonha, Inveja	Ansiedade, vergonha e tristeza	Ansiedade, tristeza, vergonha e solidão
Fracasso	Tristeza e humilhação	Inveja, Tristeza, Vazio	Vergonha, ansiedade e humilhação	Vergonha, ansiedade e humilhação
Desconfiança /Abuso	Medo, ansiedade, raiva,	Solidão, Humilhação	Raiva, tristeza e	Raiva, tristeza e humilhação

Padrões Emocionais associados aos Esquemas subjacentes ao Comportamento Anti-social - estudos com adolescentes da população geral e com jovens delinquentes
Daniela Filipe Pires Simões Rodrigues (e-mail: danielafpsrodrigues@gmail.com) 2012

	culpa e tristeza		vergonha	
Isolamento Social	Solidão, ansiedade e tristeza	Solidão, Culpa, Inveja	Solidão, tristeza e humilhação	Tristeza, solidão, vazio e raiva
Privação Emocional	Frustração, vazio, solidão, tristeza e raiva	Solidão	Tristeza, solidão e vazio	Tristeza, solidão, vazio e raiva
Grandiosidade	Raiva dirigida aos outros	-	Vazio, humilhação e ansiedade	Raiva, tristeza e humilhação
Auto-controlo Insuficiente	Raiva, frustração e tristeza	-	Raiva, tristeza e culpa	Raiva, culpa e tristeza

O estado da arte da investigação sobre os temas nucleares do auto-conceito dos indivíduos anti-sociais não revela ainda um consenso total acerca dos esquemas subjacentes ao comportamento anti-social, mas há indicação, tanto na literatura como através da experiência clínica, de estes serem, de facto, os mais relevantes.

No entanto, a investigação sobre quais as emoções associadas aos EMP é mais lacunar. Apesar da vertente emocional dos EMP ser uma parte fundamental na conceptualização deste constructo, é pouco estudada, ainda que seja de relevância tanto teórica como clínica. Por exemplo, ao nível da intervenção junto de jovens com comportamento anti-social, por vezes não existem ainda mudanças no endosso nos EMP mas já se observa uma diminuição na intensidade da activação emocional disruptiva associadas aos EMP, como mostram alguns estudos de avaliação da eficácia do programa GPS (e.g., Brasão, 2011).

Como referido, existem alguns estudos que se debruçaram sobre a questão de quais as emoções mais associadas aos EMP, contudo nestes predominam estatísticas descritivas que não permitem esclarecer de forma rigorosa qual o padrão específico de emoções associado a cada um dos EMP.

O principal objectivo deste trabalho é, então, analisar com clareza a especificidade dos padrões emocionais associados aos referidos EMP. Além disso, vamos procurar testar se a intensidade da activação emocional específica dos mesmos discrimina indivíduos com ou sem EMP e ainda se discrimina indivíduos com diferentes graus de patologia comportamental.

II - Objectivos

Os estudos apresentados em seguida pretendem aprofundar o conhecimento acerca da especificidade do padrão emocional associado aos esquemas Abandono, Defeito, Fracasso, Desconfiança/Abuso, Isolamento Social, Privação Emocional, Grandiosidade e Auto-controlo suficiente - postulados como subjacentes ao comportamento anti-social.

Especificamente, pretende-se averiguar quais as emoções que estão associadas a cada um dos EMP, bem como explorar a relação entre o grau de activação emocional e o endosso (ou não endosso) nos EMP e entre o grau de activação emocional e o grau de perturbação do comportamento. Em última análise, este trabalho tem por finalidade contribuir para uma compreensão mais abrangente e fundamentada da vertente emocional dos EMP subjacentes ao comportamento anti-social.

Dos objectivos gerais decorrem três estudos principais, cada um deles com **objectivos específicos**:

Estudo 1

Emoções associadas aos esquemas subjacentes ao comportamento anti-social

- 1.1. Conhecer o padrão de activação emocional específico associado a cada EMP subjacente ao comportamento anti-social.

Estudo 2

Intensidade da activação emocional em função do endosso no esquema

- 2.1. Averiguar se a activação emocional se diferencia entre os sujeitos que pontuam ou não para cada EMP.

Estudo 3

Intensidade da activação emocional em função do grau de perturbação comportamental

- 3.1. Averiguar se a activação emocional em cada EMP se diferencia entre os sujeitos normais, com perturbação de oposição e com perturbação de conduta.

Na persecução dos objectivos específicos delineados para cada um dos estudos, foram formuladas as seguintes **hipóteses**:

Estudo 1

Emoções associadas aos esquemas subjacentes ao comportamento anti-social

- H1. Existe um padrão de activação emocional específico associado a cada EMP.

Estudo 2

Intensidade da activação emocional em função do endosso no esquema

- H2. Os sujeitos com maior grau de endosso em determinado EMP apresentam activação emocional mais intensa do que os sujeitos com menos endosso nesse EMP.

Estudo 3

Intensidade da activação emocional em função do grau de perturbação comportamental

- H3.1. Os sujeitos com patologia do comportamento apresentam activação emocional específica mais intensa comparativamente aos

sujeitos sem patologia do comportamento.

H3.2. Os sujeitos com patologia do comportamento mais severa apresentam activação emocional mais intensa do que os sujeitos com patologia do comportamento menos grave.

III - Metodologia

Neste ponto é descrita a amostra em estudo, os instrumentos utilizados, bem como a metodologia de investigação e os procedimentos de estatística adoptados.

1. Caracterização da amostra

Para a realização do primeiro estudo foi utilizada uma amostra global de 1183 sujeitos (Cf. Quadro 1.1). A idade dos sujeitos varia dos 12 aos 19 anos, sendo a média 14.97 (DP=1.820). A maioria destes sujeitos são do sexo masculino (59.8%) e com nível sócio-económico baixo (77%).

Quadro 1.1. Dados sócio-demográficos da amostra total (N=1183)

Amostra Total (N=1183)		
	M	DP
Idade	14.97	1.820
Anos de escolaridade	7.49	1.918
Nº de reprovações	0.97	1.360
	N	%
Sexo		
Masculino	707	59.8
Feminino	476	40.2
Nível sócio-económico		
Baixo	917	77.5
Médio	233	19.7
Alto	33	2.9

Esta amostra global é constituída por três amostras: jovens normais, jovens com Perturbação de Oposição e jovens com Perturbação de Conduta.

A amostra de jovens normais foi recolhida junto de alunos de diversos estabelecimentos de ensino dos distritos de Leiria, Coimbra e Castelo Branco. Desta amostra foram excluídos sujeitos com histórico de acompanhamento psicoterapêutico, toma de psicofármacos, existência de registo criminal, bem como com referências de condutas de oposição/desafio pelos professores. Esta amostra é constituída por sujeitos de ambos os sexos e a idade varia entre 12 aos 18 anos, sendo a média 14.59 (DP=1.897).

A amostra de jovens com Perturbação de Oposição e a amostra de jovens com Perturbação de Conduta constituem uma segunda amostra mais geral de jovens com problemas de comportamento, constituída por sujeitos de ambos os sexos, com idades compreendidas entre 12 e 19 anos. Esta

amostra foi recolhida nos Centros Educativos da DGRS de Coimbra (Olivais), Lisboa (Bela Vista, Navarro Paiva e Caxias) e Porto (Santo António) no âmbito do programa *Gerar Percursos Sociais* (GPS); em instituições de acolhimento de adolescentes e jovens (como o Colégio de S. José em Viseu e a Quinta da Conraria em Coimbra); e em estabelecimentos de ensino dos distritos de Leiria, Coimbra e Castelo Branco (jovens que foram referenciados pelos professores como alunos que revelavam problemas disciplinares e manifestavam condutas de oposição/desafio). Para a constituição desta amostra contribuíram ainda os alunos do 4º ano da unidade curricular de Intervenções Cognitivo-Comportamentais no Comportamento Anti-Social (ICCCAS) do Mestrado Integrado em Psicologia da Universidade de Coimbra no ano lectivo 2009/2010. Em todas as instituições foram seleccionados jovens com algum grau de comportamento anti-social. A partir da passagem da *Checklist* para o Comportamento Anti-Social (baseada nos critérios de diagnóstico do DSM-IV), foi possível subdividir esta amostra em duas amostras: *amostra de jovens com Perturbação de Oposição* e *amostra de jovens com Perturbação de Conduta*, consoante preenchessem um maior número de critérios para uma ou outra perturbação.

A amostra de *jovens com Perturbação de Oposição* é constituída por 129 sujeitos, sendo a maioria (67.4%) do sexo masculino e com nível sócio-económico baixo (92.2%). A média de idades é de 15.07 (DP=1.592).

A amostra de *jovens com Perturbação de Conduta* é constituída por 347 sujeitos, maioritariamente do sexo masculino (87.6%) e com nível sócio-económico baixo (91.1%). A média de idades é de 15.74 (DP=1.462).

Quadro 1.2. Dados sócio-demográficos das amostras de adolescentes normais (N=707), com Perturbação de Oposição (N=129) e com Perturbação de Conduta (N=347)

	Jovens normais (N=707)		Jovens com Perturbação de Oposição (N=129)		Jovens com Perturbação de Conduta (N=347)		F	p
	M	DP	M	DP	M	DP		
Idade	14.59	1.897	15.07	1.592	15.74	1.462	57.974	.000
Anos de escolaridade	8.09	1.733	7.36	1.667	6.30	1.810	115.690	.000
Nº reprovações	0.23	0.517	1.51	1.167	2.44	1.460	398.436	.000
	N	%	N	%	N	%	X ²	p
Sexo								
Masculino	316	44.7	87	67.4	304	87.6	181.793	.000
Feminino	391	55.3	42	32.6	43	12.4		
Nível sócio-económico								
Baixo	482	68.2	119	92.2	316	91.1		
Médio	197	27.9	10	7.8	26	7.5	80.355	.000
Alto	28	4.0	0	0	5	1.4		

As três amostras diferem quanto à idade, aos anos de escolaridade e ao número de reprovações. Os jovens com Perturbação de Conduta têm uma média de idades superior ($M=15.74$, $DP=1.462$), têm menos anos de escolaridade completos ($M=6.30$, $DP=1.810$) e um maior número de reprovações ($M=2.44$, $DP=1.460$) relativamente aos jovens com Perturbação de Oposição. Por sua vez, os jovens com Perturbação de Oposição têm maior idade ($M=15.07$; $DP=1.592$), menos anos de escolaridade ($M=7.36$, $DP=1.667$) e um maior número de reprovações ($M=1.51$, $DP=1.167$) relativamente aos jovens sem patologia do comportamento.

Estas amostras também diferem entre si quanto ao sexo e ao nível sócio-económico. Os jovens com Perturbação de Conduta são maioritariamente do sexo masculino (87.6%), esta diferença é menos acentuada nos jovens com Perturbação de Oposição (67.4% do sexo masculino) e nos jovens normais o número de raparigas é superior (55.3%) ao número de rapazes (44.7%). Quanto ao nível sócio-económico, os jovens com Perturbação de Conduta e os jovens com Perturbação de Oposição pertencem, na sua grande maioria (91.1% e 92.2%, respectivamente) ao nível sócio-económico mais baixo. Já nos jovens sem patologia do comportamento esta distribuição parece ser mais equilibrada relativamente às outras amostras, sendo que 68.2% destes jovens pertencem ao nível sócio-económico baixo, 27.9% ao nível sócio-económico médio e apenas 4% ao nível sócio-económico alto.

2. Instrumentos utilizados

Para a realização deste estudo foi utilizada a *Checklist* para o Comportamento Anti-social e o IAECA-CA – Inventário de Activação dos Esquemas por Cenários Activadores - Comportamento Anti-social (M. Capinha, D. Rijo & J. Pinto Gouveia, 2009).

A *Checklist* para o Comportamento Anti-social é constituída por um conjunto de itens correspondentes aos critérios de diagnóstico do DSM-IV para a Perturbação de Oposição e para a Perturbação de Conduta. A sua utilização teve como objectivo auxiliar a discriminar, por um lado os sujeitos normais dos sujeitos com patologia do comportamento e, por outro, entre estes últimos, os sujeitos com Perturbação de Oposição e os sujeitos com Perturbação de Conduta. A passagem deste instrumento foi efectuada por meio de entrevista.

O IAECA-CA é um instrumento de auto-resposta, adaptado a partir do IAECA (1999) e IAECA-R (2006), cujo objectivo é avaliar os EMP que se supõem presentes em jovens com idades compreendidas entre os 12 e 18 anos com condutas anti-sociais, tendo em vista as idiossincrasias desta população. Assim, os EMP avaliados são: Abandono, Defeito/Vergonha, Fracasso, Desconfiança/Abuso, Isolamento Social, Privação Emocional, Grandiosidade e Auto-controlo/Auto-disciplina insuficiente.

Este instrumento é composto por um total de 48 itens, dos quais 8 são itens falsos (não avaliam o EMP em causa). Os itens encontram-se agrupados em grupos de 6 (cinco itens que avaliam determinado EMP e um

item falso, que surge numa ordem aleatória). A resposta aos itens é dada numa escala de 1 (“não tem nada a ver com o que acontece ou aconteceu comigo”) a 6 (“é exactamente o que acontece ou aconteceu comigo”), podendo a média de cada grupo ser encarada como uma medida da saliência do EMP em avaliação. Previamente à apresentação de cada grupo de itens que avaliam determinado EMP, é proposta uma tarefa de leitura e imaginação, onde é descrita uma situação que se pressupõe associada à formação e/ou activação do EMP em questão e perante a qual é pedido aos sujeitos que avaliem o grau de semelhança da situação com alguma que já lhe tenha ocorrido, numa escala de 1 (“nada parecido”) a 6 (“exactamente igual”). Pretende-se com esta tarefa promover a activação esquemática, para que, deste modo, aumente o auto-conhecimento acerca do próprio funcionamento e se contornem, ou minimizem, processos de evitamento e compensação. Após a resposta a cada conjunto de itens existe uma listagem de doze emoções eventualmente associadas ao EMP em causa, onde os sujeitos devem quantificar cada uma de 1 (“não senti”) a 8 (“senti muitíssimo”).

Os estudos de validação levados a cabo por Capinha (2009) e Pinto (2010) numa amostra da população normal e numa amostra da população com problemas de comportamento, respectivamente, revelam boas características psicométricas do instrumento. Em ambos foram encontrados os seguintes factores e respectivas consistências internas¹: F1 Fracasso ($\alpha_1=.91$, $\alpha_2=.88$); F2 Privação Emocional ($\alpha_1=.90$, $\alpha_2=.86$); F3 Isolamento Social ($\alpha_1=.91$, $\alpha_2=.87$); F4 Defeito ($\alpha_1=.89$, $\alpha_2=.80$); F5 Desconfiança/Abuso ($\alpha_1=.85$, $\alpha_2=.72$); F6 Abandono ($\alpha_1=.85$, $\alpha_2=.78$); F7 Auto-controlo insuficiente ($\alpha_1=.81$, $\alpha_2=.83$) e F8 Grandiosidade ($\alpha_1=.75$, $\alpha_2=.68$) (Capinha, 2009; Pinto, 2010).

3. Metodologia de Investigação

Para avaliar quais as emoções associadas à activação de cada EPM foi utilizada a metodologia de activação emocional que integra o IAECA-CA (M. Capinha, D. Rijo & J. Pinto Gouveia, 2009). Assim, relativamente a cada um dos EMP, cada sujeito foi confrontado com a leitura de um cenário activador prototípico da formação do EMP, após a qual leu um conjunto de itens relativos a esse EPM, respondendo até que ponto o descreviam ou não. Posteriormente, mantendo presente o que sentiu durante a leitura do cenário, numa escala de 1 (“não senti nada”) a 8 (“senti muitíssimo”), endossou o grau em que sentiu cada uma das emoções: ansiedade, alegria, raiva, tristeza, vergonha, nojo, vazio, culpa, solidão, humilhação, ciúme e inveja. No tratamento estatístico dos dados deste estudo foi retirada a emoção alegria, uma vez que esta é uma emoção de valência positiva e a activação dos EPM está associada à emergência de afecto negativo intenso.

¹ Os valores α_1 referem-se às consistências internas apontadas do estudo de Capinha (2009) e os valores α_2 dizem respeito às consistências internas encontradas por Pinto (2009).

Em cada um dos sub-estudos do primeiro estudo foi decidido incluir apenas os sujeitos com uma pontuação média em cada EMP superior a 3.5², de forma a podermos afirmar com alguma segurança que os sujeitos possuem o EMP.

4. Procedimentos estatísticos

Para o tratamento de dados e análises estatísticas recorreu-se ao *software* de análise estatística *Statistical Packadge for Social Sciences* (SPSS – versão 20.0).

Para estudar qual o padrão emocional associado à activação de cada EMP, recorreu-se ao método de Análise de Componentes Principais - uma técnica estatística destinada a estudar a forma como determinadas variáveis se combinam, estabelecendo componentes/factores nos quais essas variáveis contribuem para a sua variância (Field, 2009). A Análise de Componentes Principais surgiu como o melhor método para fazer esta análise na medida em que estuda a combinação das emoções que mais se associam para cada EMP específico. O processo de rotação utilizado foi o *direct oblimin* uma vez que as emoções não são variáveis completamente independentes entre si. Os dados apresentados referem-se aos valores da matriz com as saturações mais expressivas. De referir que nos casos em que emergiram três componentes, optou-se pela análise dos resultados da segunda componente, uma vez que esta apresentava *eigenvalues* superiores aos da terceira componente, sendo também superiores a 1. Para confirmar esta escolha, recorreremos também à análise dos histogramas das frequências de resposta à intensidade de cada emoção.

Com o objectivo de estudar as diferenças na intensidade da activação emocional de cada um dos EMP consoante o endosso no EMP, foram realizados testes *t* de student. Para estudar a intensidade da activação emocional consoante o grau de perturbação do comportamento (amostra normal, amostra com perturbação de oposição e amostra com perturbação de conduta) foram utilizadas Análises Univariadas da Variância (*one-way ANOVA*) e respectivos testes *post-hoc*. Dada a desproporção existente no tamanho dos grupos em comparação nas ANOVAs, foi utilizado o *F* de *Welsh* (e respectiva significância) de modo a reduzir o impacto desta desproporção nos resultados. Em cada uma das comparações realizadas utilizou-se o teste de *Levene* para testar a homogeneidade da variância entre os grupos. Nos casos em que existia homogeneidade da variância foram considerados os valores do teste de *Bonferroni* como procedimento *post-hoc*; nos restantes casos foram assumidos os valores do teste de *Games Howell* (Field, 2009).

² Ponto de corte usado na prática clínica, sugerido por Young (1991, 2005) como a partir do qual é muito provável que um indivíduo tenha o EMP.

IV - Resultados

Apresentam-se neste tópico os principais resultados obtidos em cada um dos três estudos.

1. Estudo 1

Emoções associadas aos Esquemas Mal-adaptativos Precoces subjacentes ao comportamento anti-social

Nos estudos que se seguem foram seleccionados os sujeitos que pontuavam em cada EMP acima de 3.5 - critério sugerido por Young (1991, 2005) como ponto de corte a partir do qual é bastante provável que um indivíduo tenha o EMP. Para cada um dos estudos que constituem este primeiro estudo são apresentados os quadros com as estatísticas descritivas de todas as emoções relativamente a cada EMP, bem como os quadros com os resultados da Análise de Componentes Principais, onde se encontram as emoções com valores absolutos das saturações acima de 0.3 - critério defendido por vários investigadores como a partir do qual se podem considerar relevantes as saturações das variáveis para a componente ou factor em questão (Field, 2009).

1.1. Estudo das emoções associadas ao EMP Abandono

No quadro 2.1.1 encontram-se as análises descritivas de todas as emoções aquando do endosso no EMP Abandono, numa amostra de 470 sujeitos (que pontuaram acima de 3.5 para este EMP). Como se pode ver, as emoções com médias mais elevadas são a tristeza (M=6.07, DP=2.275), a solidão (M=5.63, DP=2.445), a ansiedade (M=5.50, DP=2.290) e o vazio (M=5.23, DP=2.632).

Quadro 2.1.1. Estatísticas descritivas da intensidade das emoções relativamente ao EMP Abandono (N=470)

Emoção	EMP Abandono	
	M	DP
Ansiedade	5,50	2,290
Raiva	4,15	2,601
Tristeza	6,07	2,275
Vergonha	2,64	2,208
Nojo	2,19	2,024
Vazio	5,23	2,632
Culpa	3,74	2,628
Solidão	5,63	2,445
Humilhação	2,95	2,326
Ciúme	2,59	2,316
Inveja	2,24	2,057

O quadro 2.1.2 apresenta os resultados da Análise de Componentes Principais para o EMP Abandono (N=470), onde emergiram as emoções

Ansiedade, Tristeza, Solidão e Vazio, como aquelas com maior associação ao esquema (com saturações superiores a 0.3).

Quadro 2.1.2. Emoções emergentes no EMP Abandono e respectivas saturações (N=470)

EMP Abandono	
Emoção	Saturação
Ansiedade	.531
Tristeza	.529
Solidão	.517
Vazio	.500

1.2. Emoções associadas ao EMP Defeito

No quadro 2.2.1 encontram-se as análises descritivas de todas as emoções aquando o endosso no EMP Defeito, numa amostra de 112 sujeitos (que pontuaram acima de 3.5 para este EMP). As emoções com médias mais elevadas são a ansiedade (M=5.99, DP=2.129), a tristeza (M=5.40, DP=2.459) e a vergonha (M=5.32, DP=2.432).

Quadro 2.2.1. Estatísticas descritivas da intensidade das emoções relativamente ao EMP Defeito (N=112)

EMP Defeito		
Emoção	M	DP
Ansiedade	5,99	2,129
Raiva	3,96	2,618
Tristeza	5,40	2,459
Vergonha	5,32	2,432
Nojo	2,46	2,226
Vazio	4,08	2,651
Culpa	4,37	2,603
Solidão	4,70	2,521
Humilhação	3,96	2,616
Ciúme	3,88	2,561
Inveja	3,53	2,554

O quadro 2.2.2 apresenta os resultados da Análise de Componentes Principais para o EMP Defeito (N=112), onde emergiram as emoções Vergonha e Ansiedade, como aquelas com maior associação ao esquema (com saturações superiores a 0.3).

Quadro 2.2.2. Emoções emergentes no EMP Defeito e respectivas saturações (N=112)

EMP Defeito	
Emoção	Saturação
Vergonha	.444
Ansiedade	.393

1.3. Emoções associadas ao EMP Fracasso

No quadro 2.3.1 encontram-se as análises descritivas de todas as emoções aquando o endosso no EMP Fracasso, numa amostra de 172 sujeitos (que pontuaram acima de 3.5 para este EMP). As emoções com médias mais elevadas são a ansiedade (M=5.31, DP=2.601), a vergonha (M=5.71, DP=2.454) e a humilhação (M=5.21, DP=2.696).

Quadro 2.3.1. Estatísticas descritivas da intensidade das emoções relativamente ao EMP Fracasso (N=172)

Emoção	EMP Fracasso	
	M	DP
Ansiedade	5,31	2,601
Raiva	4,09	2,536
Tristeza	4,47	2,676
Vergonha	5,71	2,454
Nojo	2,18	1,973
Vazio	3,14	2,619
Culpa	3,75	2,660
Solidão	3,17	2,532
Humilhação	5,21	2,696
Ciúme	2,77	2,457
Inveja	3,35	2,663

O quadro 2.3.2 apresenta os resultados da Análise de Componentes Principais para o EMP Fracasso (N=172), onde emergiram as emoções Humilhação, Ansiedade e Vergonha, como aquelas com maior associação ao esquema (com saturações superiores a 0.3).

Quadro 2.3.2. Emoções emergentes no EMP Fracasso e respectivas saturações

Emoção	EMP Fracasso
	Saturação
Ansiedade	.713
Vergonha	.584
Humilhação	.531

1.4. Emoções associadas ao EMP Desconfiança/Abuso

No quadro 2.4.1 encontram-se as análises descritivas de todas as emoções aquando o endosso no EMP Desconfiança/Abuso, numa amostra de 262 sujeitos (que pontuaram acima de 3.5 para este EMP). As emoções com médias mais elevadas são a raiva (M=6.37, DP=2.319), a tristeza (M=5.83, DP=2.452), a humilhação (M=5.66, DP=2.587) e a vergonha (M=5.02, DP=2.747).

Quadro 2.4.1. Estatísticas descritivas da intensidade das emoções relativamente ao EMP Desconfiança/Abuso (N=262)

EMP Desconfiança/Abuso		
Emoção	M	DP
Ansiedade	4,45	2,748
Raiva	6,37	2,319
Tristeza	5,83	2,452
Vergonha	5,02	2,747
Nojo	4,31	2,922
Vazio	4,00	2,741
Culpa	3,99	2,771
Solidão	4,42	2,691
Humilhação	5,66	2,587
Ciúme	2,50	2,279
Inveja	2,32	2,142

O quadro 2.4.2 apresenta os resultados da Análise de Componentes Principais para o EMP Desconfiança/Abuso (N=262), onde emergiram as emoções Raiva e Humilhação, como aquelas com maior associação ao esquema (com saturações superiores a 0.3).

Quadro 2.4.2. Emoções emergentes no EMP Desconfiança/Abuso e respectivas saturações (N=262)

EMP Desconfiança/Abuso	
Emoção	Saturação
Raiva	.551
Humilhação	.351

1.5. Emoções associadas ao EMP Isolamento Social

No quadro 2.5.1 encontram-se as análises descritivas de todas as emoções aquando o endosso no EMP Isolamento Social, numa amostra de 113 sujeitos (que pontuaram acima de 3.5 para este EMP). As emoções com médias mais elevadas são a tristeza (M=6.50, DP=2.045), a solidão (M=6.12, DP=2.303) e o vazio (M=5.33, DP=2.671).

Quadro 2.5.1. Estatísticas descritivas da intensidade das emoções relativamente ao EMP Isolamento Social (N=113)

EMP Isolamento Social		
Emoção	M	DP
Ansiedade	4,57	2,712
Raiva	4,67	2,743
Tristeza	6,50	2,045
Vergonha	4,81	2,665
Nojo	2,81	2,527
Vazio	5,33	2,671
Culpa	3,35	2,625
Solidão	6,12	2,303

Humilhação	4,45	2,768
Ciúme	3,73	2,710
Inveja	3,60	2,631

O quadro 2.5.2 apresenta os resultados da Análise de Componentes Principais para o EMP Isolamento Social (N=113), onde emergiram as emoções Solidão e Tristeza, como aquelas com maior associação ao esquema (com saturações superiores a 0.3).

Quadro 2.5.2. Emoções emergentes no EMP Isolamento Social e respectivas saturações (N=113)

EMP Isolamento Social	
Emoção	Saturação
Solidão	.583
Tristeza	.577

1.6. Emoções associadas ao EMP Privação Emocional

No quadro 2.6.1 encontram-se as análises descritivas de todas as emoções aquando o endosso no EMP Privação Emocional, numa amostra de 131 sujeitos (que pontuaram acima de 3.5 para este EMP). As emoções com médias mais elevadas são a Tristeza (M=6.44, DP=2.167), a Solidão (M=6.09, DP=2.400), o Vazio (M=5.73, DP=2.634) e a Raiva (M=5.28, DP=2.661).

Quadro 2.6.1. Estatísticas descritivas da intensidade das emoções relativamente ao EMP Privação Emocional (N=131)

EMP Privação Emocional		
Emoção	M	DP
Ansiedade	4,09	2,741
Raiva	5,28	2,661
Tristeza	6,44	2,167
Vergonha	2,96	2,397
Nojo	2,69	2,499
Vazio	5,73	2,634
Culpa	3,37	2,570
Solidão	6,09	2,400
Humilhação	3,56	2,632
Ciúme	2,81	2,569
Inveja	2,98	2,666

O quadro 2.6.2 apresenta os resultados da Análise de Componentes Principais para o EMP Privação Emocional (N=131), onde emergiram as emoções Tristeza, Solidão e Vazio, como aquelas com maior associação ao esquema (com saturações superiores a 0.3).

Quadro 2.6.2. Emoções emergentes no EMP Privação Emocional e respectivas saturações (N=131)

EMP Privação Emocional	
Emoção	Saturação
Tristeza	.765
Solidão	.751
Vazio	.640

1.7. Emoções associadas ao EMP Grandiosidade

No quadro 2.7.1 encontram-se as análises descritivas de todas as emoções aquando o endosso no EMP Grandiosidade, numa amostra de 130 sujeitos (que pontuaram acima de 3.5 para este EMP). Destaca-se a raiva como a emoção com média mais elevada ($M=5.37$, $DP=2.582$).

Quadro 2.7.1. Estatísticas descritivas da intensidade das emoções relativamente ao EMP Grandiosidade (N=130)

Emoção	EMP Grandiosidade	
	M	DP
Ansiedade	3,31	2,641
Raiva	5,37	2,582
Tristeza	4,25	2,633
Vergonha	2,88	2,410
Nojo	2,98	2,538
Vazio	3,46	2,703
Culpa	2,93	2,534
Solidão	3,78	2,597
Humilhação	3,78	2,736
Ciúme	3,53	2,618
Inveja	3,52	2,706

A Análise de Componentes Principais relativamente ao EMP Grandiosidade só extraiu uma componente.

1.8. Emoções associadas ao EMP Auto-controlo Insuficiente

No quadro 2.8.1 encontram-se as análises descritivas de todas as emoções aquando o endosso no EMP Auto-controlo Insuficiente, numa amostra de 280 sujeitos (que pontuaram acima de 3.5 para este EMP). As emoções com médias mais elevadas são a raiva ($M=4.02$, $DP=2.708$) e a tristeza ($M=3.94$, $DP=2.688$), embora estes valores sejam consideravelmente inferiores às médias mais elevadas relativamente aos outros EMP e próximos das médias das restantes emoções relativamente a este EMP, correspondendo apenas à média da intensidade máxima possível (8).

Quadro 2.8.1. Estatísticas descritivas da intensidade das emoções relativamente ao EMP Auto-controlo Insuficiente (N=280)

Emoção	EMP Auto-controlo Insuficiente	
	M	DP
Ansiedade	3,26	2,510
Raiva	4,02	2,708
Tristeza	3,94	2,688
Vergonha	3,11	2,490
Nojo	2,38	2,316
Vazio	2,73	2,386
Culpa	3,52	2,587
Solidão	2,69	2,345
Humilhação	2,89	2,411
Ciúme	2,25	2,049
Inveja	2,54	2,346

O quadro 2.8.2 apresenta os resultados da Análise de Componentes Principais para o EMP Abandono (N=280), onde emergiu apenas a emoção Tristeza, com uma maior associação ao esquema (com saturação superior a 0.3).

Quadro 2.8.2 – Emoções emergentes no EMP Auto-controlo Insuficiente e respectivas saturações (N=280)

EMP Auto-controlo Insuficiente	
Emoção	Saturação
Tristeza	.430

Síntese dos resultados do primeiro estudo

No quadro 2.9 apresentamos as emoções postuladas por Young e Klosko (1994), os resultados obtidos por Rijo (2009), Capinha (2009) e Pinto (2010) já referidos anteriormente, assim como os resultados do presente estudo, possibilitando uma leitura comparativa dos mesmos.

Quadro 2.9. Emoções teoricamente postuladas e padrões emocionais encontrados em estudos anteriores e no presente estudo, relativamente a cada EMP

EMP	Emoções postuladas teoricamente (Young & Klosko, 1994)	Padrões Emocionais associados (Rijo, 2009)	Padrões Emocionais encontrados (Capinha, 2009)	Padrões Emocionais encontrados (Pinto, 2010)	Padrões emocionais encontrados no presente estudo
Abandono	Raiva, medo, ansiedade e tristeza	Solidão Ansiedade	Tristeza Vazio Solidão	Tristeza Solidão Ansiedade Raiva	Ansiedade Tristeza Solidão Vazio
Defeito	Vergonha, tristeza, culpa e raiva auto-dirigida	Vergonha Inveja	Ansiedade Vergonha Tristeza	Ansiedade Tristeza Vergonha Solidão	Vergonha Ansiedade

Fracasso	Tristeza e humilhação	Inveja Tristeza Vazio	Vergonha Ansiedade Humilhação	Vergonha Ansiedade Humilhação	Ansiedade Vergonha Humilhação
Desconfiança /Abuso	Medo, ansiedade, raiva, culpa e tristeza	Solidão Humilhação	Raiva Tristeza Vergonha	Raiva Tristeza Humilhação	Raiva Humilhação
Isolamento Social	Solidão, ansiedade e tristeza	Solidão Culpa Inveja	Solidão Tristeza Humilhação	Tristeza Solidão Vazio Raiva	Solidão Tristeza
Privação Emocional	Frustração, vazio, solidão, tristeza e raiva	Solidão	Tristeza Solidão Vazio	Tristeza Solidão Vazio Raiva	Tristeza Solidão Vazio
Grandiosidade	Raiva dirigida aos outros	-	Vazio Humilhação Ansiedade	Raiva Tristeza Humilhação	-
Auto-controlo Insuficiente	Raiva, frustração e tristeza	-	Raiva Tristeza Culpa	Raiva Culpa Tristeza	Tristeza

2. Estudo 2

Intensidade da Activação Emocional consoante o endosso nos EMP

Para os estudos que se seguem foram seleccionados para o primeiro grupo os sujeitos que tiveram uma pontuação inferior a 3.5 no EMP em questão e para o segundo grupo os sujeitos que tiveram uma pontuação igual ou superior a 3.5, formando assim dois grupos de sujeitos para cada EMP: os que não endossam o EMP (Amostra sem EMP) e os que endossam o EMP (Amostra com EMP).

Apresentam-se de seguida, os quadros com as estatísticas descritivas e os resultados dos testes *t* de *student* para amostras independentes, de forma a comparar a intensidade da activação emocional específica obtida através dos resultados do estudo anterior (emoção a emoção e o total das emoções específicas) entre as duas amostras para cada EMP (com excepção do EMP Grandiosidade, uma vez que no estudo anterior não foi obtido nenhum padrão de activação emocional específico).

Quadro 3.1. Intensidade da Activação Emocional nas amostras com e sem o EMP Abandono

Emoção	Amostra sem EMP Abandono (n = 713)		Amostra com EMP Abandono (n = 470)		<i>t</i>	<i>p</i>
	Média	DP	Média	DP		
Ansiedade	3.98	2.285	5.50	2.290	-11.174	.000
Tristeza	4.45	2.489	6.07	2.275	-11.553	.000
Solidão	4.28	2.527	5.63	2.445	-9.132	.000
Vazio	3.85	2.468	5.23	2.632	-9.044	.000
Total	16.56	8.452	22.43	7.768	-12.284	.000

Padrões Emocionais associados aos Esquemas subjacentes ao Comportamento Anti-social - estudos com adolescentes da população geral e com jovens delinquentes
Daniela Filipe Pires Simões Rodrigues (e-mail: danielafpsrodrigues@gmail.com) 2012

Quadro 3.2. Intensidade da Activação Emocional nas amostras com e sem o EMP Defeito

Emoção	Amostra sem EMP Defeito (n = 1071)		Amostra com EMP Defeito (n = 112)		t	p
	Média	DP	Média	DP		
Vergonha	3.83	2.437	5.32	2.432	-6.155	.000
Ansiedade	3.95	2.365	5.99	2.129	-8.762	.000
Total	7.78	4.132	11.31	3.870	-8.651	.000

Quadro 3.3. Intensidade da Activação Emocional nas amostras com e sem o EMP Fracasso

Emoção	Amostra sem EMP Fracasso (n = 1010)		Amostra com EMP Fracasso (n = 172)		t	p
	Média	DP	Média	DP		
Ansiedade	4.07	2.482	5.31	2.601	-5.995	.000
Vergonha	4.17	2.520	5.71	2.454	-7.437	.000
Humilhação	3.44	2.398	5.21	2.696	-8.096	.000
Total	11.67	6.452	16.23	6.528	-8.540	.000

Quadro 3.4. Intensidade da Activação Emocional nas amostras com e sem o EMP Desconfiança/Abuso

Emoção	Amostra sem EMP Desconfiança/Abuso (n = 921)		Amostra com EMP Desconfiança/Abuso (n = 262)		t	p
	Média	DP	Média	DP		
Raiva	4.94	2.684	6.37	2.319	-8.520	.000
Humilhação	4.25	2.610	5.66	2.587	-7.767	.000
Total	9.18	4.728	12.03	4.195	-9.428	.000

Quadro 3.5. Intensidade da Activação Emocional nas amostras com e sem o EMP Isolamento Social

Emoção	Amostra sem EMP Isolamento Social (n = 1070)		Amostra com EMP Isolamento Social (n = 113)		t	p
	Média	DP	Média	DP		
Solidão	4.37	2.638	6.12	2.303	-7.589	.000
Tristeza	4.58	2.572	6.50	2.045	-9.235	.000
Total	8.95	4.802	12.62	3.728	-9.663	.000

Quadro 3.6. Intensidade da Activação Emocional nas amostras com e sem o EMP Privação Emocional

Emoção	Amostra sem EMP Privação Emocional (n = 1052)		Amostra com EMP Privação Emocional (n = 131)		t	p
	Média	DP	Média	DP		
Tristeza	5.02	2.553	6.44	2.167	-6.926	.000
Solidão	4.29	2.600	6.09	2.400	-8.008	.000
Vazio	3.88	2.578	5.73	2.634	-7.725	.000
Total	13.18	6.809	18.25	6.312	-8.588	.000

Quadro 3.7. Intensidade da Activação Emocional nas amostras com e sem o EMP Auto-controlo Insuficiente

Emoção	Amostra sem EMP Auto-controlo Insuficiente (n = 974)		Amostra com EMP Auto-controlo Insuficiente (n = 208)		t	p
	Média	DP	Média	DP		
Tristeza	3.02	2.231	3.94	2.688	-4.614	.000

Através da análise dos resultados dos testes *t* de *student*, é possível constatar que, para os vários EMP, as amostras com e sem EMP distinguem-se entre si ($p=.000$) relativamente à intensidade do padrão de activação emocional específico associado a cada EMP, quer para cada emoção em particular, quer no total das emoções específicas. As amostras com EMP revelam maior intensidade de activação emocional comparativamente às amostras sem EMP.

3. Estudo 3

Intensidade da Activação Emocional em função do grau de perturbação comportamental

Neste estudo comparámos três grupos de sujeitos com diferente grau de perturbação comportamental (amostra normal, amostra com Perturbação de Oposição e amostra com Perturbação de Conduta) relativamente à intensidade da activação emocional específica de cada EMP (obtida através dos resultados do primeiro estudo).

Os quadros que se seguem apresentam as estatísticas descritivas e sintetizam os resultados das análises da variância (*one-way* ANOVA) e dos respectivos testes *post-hoc* em cada uma das comparações realizadas. Nas ANOVAs foi utilizado o F de *Welsh* (e respectiva significância) de modo a reduzir o impacto da desproporção do tamanho dos grupos em comparação nos resultados. Em cada uma das comparações realizadas utilizou-se o teste de *Levene* para testar a homogeneidade da variância entre os grupos. Nos casos em que existia homogeneidade da variância foram considerados os valores do teste de *Bonferroni* como procedimento *post-hoc*; nos restantes

casos foram assumidos os valores do teste de *Games Howell* (Field, 2009).

Os resultados são apresentados, quer para cada emoção em particular, quer para o total das emoções associadas a cada EMP. Excluiu-se da análise o EMP Grandiosidade, uma vez que no primeiro estudo não foi obtido nenhum padrão de activação emocional específico relativamente a este EMP.

3.1. Comparações entre grupos de psicopatologia comportamental na intensidade da activação emocional associada ao EMP Abandono

No quadro 4.1 estão representadas as estatísticas descritivas e inferenciais relativamente aos três grupos em comparação no que diz respeito à intensidade de activação emocional associada ao EMP Abandono.

Quadro 4.1. Intensidade da Activação Emocional nas amostras normal, com Perturbação de Oposição e com Perturbação de Conduta, relativamente ao EMP Abandono

Emoção	Amostra normal (n = 707)		Perturbação de Oposição (n = 129)		Perturbação de Conduta (n = 347)		F	p	Post-Hoc*
	Média	DP	Média	DP	Média	DP			
Ansiedade	4.46	2.214	5.07	2.684	4.65	2.636	3.226	.041	N<PO
Tristeza	4.78	2.385	6.05	2.636	5.37	2.669	16.160	.000	N<PC<PO
Solidão	4.71	2.433	5.40	2.746	4.82	2.779	3.521	.031	N<PO
Vazio	4.31	2.449	4.93	2.894	4.37	2.832	2.652	.072	
Total	18.26	8.291	21.44	9.138	19.225	9.085	7.251	.001	N<PO

* Amostra normal=N; Amostra com Perturbação de Oposição=PO; Amostra com Perturbação de Conduta=PC

Relativamente ao EMP Abandono, os resultados indicam diferenças estatisticamente significativas ($p<.05$) entre os três grupos quanto à intensidade da activação das emoções Tristeza, Solidão e Ansiedade e no total das emoções associadas a este EMP. Através da análise dos testes *post-hoc*, verificou-se que os três grupos diferem entre si na intensidade da activação da emoção Tristeza, em que a amostra normal apresenta uma média inferior na intensidade da activação da emoção Tristeza relativamente à amostra com Perturbação de Conduta e esta apresenta uma média inferior relativamente à amostra com Perturbação de Oposição. No caso das emoções Solidão e Ansiedade e no total das emoções, apenas a amostra normal se distingue da amostra com Perturbação de Oposição, tendo a segunda médias de intensidade mais elevadas. Os resultados sugerem ainda que os três grupos não diferem entre si de forma significativa quanto à intensidade da activação da emoção Vazio.

3.2. Comparações entre grupos de psicopatologia comportamental na intensidade da activação emocional associada ao EMP Defeito

O quadro 4.2 apresenta as estatísticas descritivas e inferenciais relativamente aos três grupos em comparação no que diz respeito à intensidade de activação emocional associada ao EMP Defeito.

Padrões Emocionais associados aos Esquemas subjacentes ao Comportamento Anti-social - estudos com adolescentes da população geral e com jovens delinquentes
Daniela Filipe Pires Simões Rodrigues (e-mail: danielafpsrodrigues@gmail.com) 2012

Quadro 4.2. Intensidade da Activação Emocional nas amostras normal, com Perturbação de Oposição e com Perturbação de Conduta, relativamente ao EMP Defeito

Emoção	Amostra normal (n = 707)		Perturbação de Oposição (n = 129)		Perturbação de Conduta (n = 347)		F	p	Post-Hoc
	Média	DP	Média	DP	Média	DP			
Vergonha	3.81	2.259	4.53	2.870	4.09	2.697	4.359	.014	N<PO
Ansiedade	3.95	2.179	4.71	2.835	4.34	2.660	6.031	.003	N<PC,PO
Total	7.76	3.863	9.24	4.859	8.42	4.609	6.949	.001	N<PO

No caso do EMP Defeito, os resultados apontam para diferenças estatisticamente significativas entre os três grupos quanto à intensidade da activação das emoções Ansiedade e Vergonha e quanto ao total da intensidade das emoções activadas. Após a análise dos testes *post-hoc*, verificou-se que a amostra normal se distingue da amostra com Perturbação de Conduta e da amostra com Perturbação de Oposição a nível de intensidade da activação da emoção Ansiedade, apresentando uma média inferior relativamente à amostra com Perturbação de Conduta e à amostra com Perturbação de Oposição, no entanto, estas duas últimas não diferem entre si de forma significativa. Relativamente à emoção Vergonha e ao total das emoções, a amostra normal distingue-se apenas da amostra com Perturbação de Oposição, apresentando médias mais baixas de intensidade da activação emocional.

3.3. Comparações entre grupos de psicopatologia comportamental na intensidade da activação emocional associada ao EMP Fracasso

No quadro 4.3 estão representadas as estatísticas descritivas e inferenciais relativamente aos três grupos em comparação no que diz respeito à intensidade de activação emocionam associada ao EMP Fracasso.

Quadro 4.3. Intensidade da Activação Emocional nas amostras normal, com Perturbação de Oposição e com Perturbação de Conduta, relativamente ao EMP Fracasso

Emoção	Amostra normal (n = 707)		Perturbação de Oposição (n = 129)		Perturbação de Conduta (n = 347)		F	p	Post-Hoc
	Média	DP	Média	DP	Média	DP			
Ansiedade	4.27	2.379	4.41	2.866	4.15	2.714	.488	.614	
Vergonha	4.24	2.388	4.76	2.861	4.57	2.781	3.153	.044	
Humilhação	3.52	2.329	4.17	2.940	3.88	2.697	4.336	.014	N<PO
Total	12.03	6.224	13.34	7.685	12.58	7.063	2.104	.124	

Relativamente ao EMP Fracasso, os resultados sugerem que a amostra normal difere da amostra com Perturbação de Oposição na intensidade de activação da emoção Humilhação, apresentando a amostra normal médias inferiores. A análise da variância (F de *Welsh*) revelou um valor estatisticamente significativo para a emoção Vergonha, sugerindo diferenças na intensidade da activação desta emoção entre os três grupos, contudo,

contudo o teste *post-hoc* não distinguiu os três grupos, o que pode estar relacionado com o facto da significância do valor F de *Welsh* estar bastante próxima do limite acima do qual se considera não haver diferenças estatisticamente significativas. Parecem não haver diferenças estatisticamente significativas entre os três grupos na intensidade da activação da emoção Ansiedade nem do total das emoções.

3.4. Comparações entre grupos de psicopatologia comportamental na intensidade da activação emocional associada ao EMP Desconfiança/Abuso

O quadro 4.4 apresenta as estatísticas descritivas e inferenciais relativamente aos três grupos em comparação no que diz respeito à intensidade de activação emocionam associada ao EMP Desconfiança/Abuso.

Quadro 4.4. Intensidade da Activação Emocional nas amostras normal, com Perturbação de Oposição e com Perturbação de Conduta, relativamente ao EMP Desconfiança/Abuso

Emoção	Amostra normal (n = 707)		Perturbação de Oposição (n = 129)		Perturbação de Conduta (n = 347)		F	p	Post-Hoc
	Média	DP	Média	DP	Média	DP			
Raiva	5.01	2.568	5.53	2.942	5.64	2.734	7.018	.001	N<PC
Humilhação	4.53	2.530	5.00	3.010	4.45	2.800	1.661	.192	
Total	9.55	4.573	10.53	5.390	10.09	4.865	2.864	.058	

No que diz respeito ao EMP Desconfiança/Abuso, os resultados indicam diferenças estatisticamente significativas na intensidade da activação da emoção Raiva entre a amostra normal e a amostra com Perturbação de Conduta, tendo a última uma média superior à primeira. Segundo estes resultados, os três grupos não diferem entre si de forma significativa relativamente à intensidade da emoção Humilhação e do total das emoções associadas.

3.5. Comparações entre grupos de psicopatologia comportamental na intensidade da activação emocional associada ao EMP Isolamento Social

No quadro 4.5 estão representadas as estatísticas descritivas e inferenciais relativamente aos três grupos em comparação no que diz respeito à intensidade de activação emocionam associada ao EMP Isolamento Social.

Quadro 4.5. Intensidade da Activação Emocional nas amostras normal, com Perturbação de Oposição e com Perturbação de Conduta, relativamente ao EMP Isolamento Social

Emoção	Amostra normal (n = 707)		Perturbação de Oposição (n = 129)		Perturbação de Conduta (n = 347)		F	p	Post-Hoc
	Média	DP	Média	DP	Média	DP			
Solidão	4.64	2.538	4.91	3.016	4.19	2.725	4.309	.014	PC<N,PO
Tristeza	4.69	2.449	5.23	2.777	4.72	2.772	2.149	.118	
Total	9.33	4.610	10.15	5.509	8.91	4.972	2.594	.076	

Em relação ao EMP Isolamento Social, de acordo com os resultados, a amostra com Perturbação de Conduta difere da amostra normal e da amostra com Perturbação de Oposição quanto à intensidade da activação da emoção Solidão, sendo a amostra normal a que tem a média mais baixa. Relativamente à Tristeza e ao total das emoções associadas a este EMP, parecem não haver diferenças estatisticamente significativas na intensidade da activação das mesmas entre os três grupos.

3.6. Comparações entre grupos de psicopatologia comportamental na intensidade da activação emocional associada ao EMP Privação Emocional

O quadro 4.6 apresenta as estatísticas descritivas e inferenciais relativamente aos três grupos em comparação no que diz respeito à intensidade de activação emocionam associada ao EMP Privação Emocional.

Quadro 4.6. Intensidade da Activação Emocional nas amostras normal, com Perturbação de Oposição e com Perturbação de Conduta, relativamente ao EMP Privação Emocional

Emoção	Amostra normal (n = 707)		Perturbação de Oposição (n = 129)		Perturbação de Conduta (n = 347)		F	p	Post-Hoc
	Média	DP	Média	DP	Média	DP			
Tristeza	5.04	2.436	5.43	2.738	5.34	2.697	2.227	.110	
Solidão	4.44	2.529	4.60	2.824	4.57	2.787	.402	.669	
Vazio	4.04	2.525	4.19	2.853	4.12	2.816	.187	.830	
Total	13.52	6.704	14.22	7.346	14.03	7.247	.911	.403	

Relativamente ao EMP Privação Emocional, os resultados sugerem que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os três grupos ao nível da intensidade da activação das emoções associadas a este EMP, quer para cada uma isoladamente, quer no seu total.

3.7. Comparações entre grupos de psicopatologia comportamental na intensidade da activação emocional associada ao EMP Autocontrolo Insuficiente

No quadro 4.7 estão representadas as estatísticas descritivas e inferenciais relativamente aos três grupos em comparação no que diz

respeito à intensidade de activação emocionam associada ao EMP Auto-controlo Insuficiente.

Quadro 4.7. Intensidade da Activação Emocional nas amostras normal, com Perturbação de Oposição e com Perturbação de Conduta, relativamente ao EMP Auto-controlo Insuficiente

Emoção	Amostra normal (n = 707)		Perturbação de Oposição (n = 129)		Perturbação de Conduta (n = 347)		F	p	Post-Hoc
	Média	DP	Média	DP	Média	DP			
Tristeza	2.91	2.106	3.81	2.762	3.49	2.546	11.040	.000	N<PC,PO

Por último, os resultados referentes ao EMP Auto-controlo Insuficiente apontam para a existência de diferenças estatisticamente significativas na intensidade da activação da emoção Tristeza entre a amostra normal e a Perturbação de Conduta e entre a amostra normal e a amostra com Perturbação de Oposição, na medida em que a amostra normal tem uma média inferior relativamente às outras duas amostras. As amostras com Perturbação de Conduta e com Perturbação de Oposição parecem não se distinguir entre si, quanto à intensidade da activação desta emoção.

V - Discussão

Como foi referido na introdução deste trabalho, existe um considerável volume de investigação acerca de quais os Esquemas Mal-adaptativos Precoces (EMP) associados ao auto-conceito dos indivíduos com comportamento anti-social. Existe alguma evidência de que os EMP Abandono, Defeito, Fracasso, Desconfiança/Abuso, Isolamento Social, Privação Emocional, Grandiosidade e Auto-controlo Insuficiente, são os mais proeminentes em sujeitos anti-sociais (e.g., Bersntein et al., 2007; Rijo & Sousa, 2004; Rijo et al., 2007). Estas estruturas são disfuncionais não unicamente porque distorcem a visão que os indivíduos têm de si e dos outros, como quando estão activads espoletam padrões elevados de activação emocional disruptiva (Young, 1990, Young et al.,2003). Assim, parte dos problemas dos indivíduos delinquentes poderá estar relacionada não só com enviesamentos no processamento de informação, mas também com a activação emocional disruptiva.

Com a realização deste trabalho pretendeu-se, de uma forma geral, contribuir para um conhecimento mais aprofundado acerca dos padrões específicos de activação emocional associados aos referidos EMP postulados como subjacentes ao comportamento anti-social.

Para tal, foram realizados três estudos numa amostra constituída por jovens da população geral, jovens com Perturbação de Oposição e jovens com Perturbação de Conduta. Num primeiro estudo procurámos identificar quais as emoções especificamente associadas a cada EMP subjacente ao comportamento anti-social. No segundo estudo quisemos confirmar se, de facto, existe maior activação emocional disruptiva nos sujeitos que endossam determinado EMP. Por último, no terceiro estudo, procurámos

analisar de que forma varia a intensidade do afecto disruptivo associado a cada EMP em função do grau de severidade da perturbação comportamental.

O **primeiro estudo** teve por objectivo averiguar se, de facto, existe um padrão de activação emocional específico para cada EMP. Numa análise geral dos resultados, é possível observar que a experiência emocional associada a cada EMP é qualitativamente distinta, o que vai de encontro à hipótese levantada inicialmente (H1).

Por outro lado, parece haver congruência não só entre os resultados encontrados neste estudo e as emoções postuladas por Young e Klosko (1994), como também em relação aos resultados obtidos por outros investigadores, como Capinha (2009), Rijo (2009) e Pinto (2010) (cf., Quadro 2.9). Esta congruência é particularmente evidente quando comparamos os resultados do presente estudo com os resultados de Capinha (2009) e Pinto (2010), o que se torna compreensível, uma vez que se tratam de amostras semelhantes (com a mesma faixa etária e com grau de patologia comportamental idêntica). Ainda assim, os resultados deste estudo fornecem um padrão mais específico das emoções associadas aos EMP relativamente a estudos anteriores, o que poderá estar relacionado com a natureza das análises de dados realizadas neste estudo. Estes dados parecem apoiar os resultados por nós encontrados.

Através da análise de cada EMP em particular, os padrões emocionais encontrados parecem ser congruentes com o conteúdo cognitivo dos EMP. O quadro seguinte não só sintetiza os resultados deste estudo, como também interliga os mesmos com a componente mais cognitiva associada a cada EMP de acordo com o modelo teórico proposto por Young (Young, 1990; Young, Klosko, & Weishaar, 2003).

EMP	Padrões emocionais encontrados	
Abandono	Ansiedade Tristeza Solidão Vazio	Sendo o EMP Abandono caracterizado pela percepção de que as pessoas significativas estão indisponíveis para fornecer suporte emocional e a sensação de que essas pessoas a qualquer momento podem abandonar o indivíduo, é expectável que quando activado este EMP emergem emoções como a tristeza (ligada à sensação de perda), solidão (sentimento de que se está só, pois os outros estão indisponíveis), vazio e ansiedade (medo de que os outros o abandonem).
Defeito	Vergonha Ansiedade	Na própria definição deste EMP, está incluída a sensação de vergonha relativamente aos defeitos percebidos pelo próprio. Por outro lado, segundo Young (1990, 2003), este esquema pode envolver uma hipersensibilidade à crítica, à rejeição e à culpa, comparações e insegurança perto dos outros, o que pode explicar a presença de ansiedade (medo de se ser criticado e rejeitado pelos defeitos percebidos pelo próprio).

Fracasso	Ansiedade Vergonha Humilhação	Os indivíduos com este EMP acreditam que fracassaram, que vão inevitavelmente fracassar ou que são inadequados face aos seus pares em áreas para si relevantes, daí é expectável que quando estas crenças são activadas estes indivíduos sintam vergonha e humilhação perante os seus "fracassos" e ansiedade relativamente à avaliação negativa que os outros possam fazer.
Desconfiança /Abuso	Raiva Humilhação	Este EMP envolve a expectativa dos indivíduos que os outros os irão magoar, abusar deles, trair, manipular ou humilhar. É, então, compreensível que estes indivíduos se sintam humilhados pelos outros e raiva (dirigida aos outros).
Isolamento Social	Solidão Tristeza	Este EMP envolve a percepção de que se está isolado dos outros, de que não se faz parte de um grupo ou comunidade, sendo compreensível que quando activado surja a sensação de que se está sozinho (solidão) e tristeza.
Privação Emocional	Tristeza Solidão Vazio	O EMP Privação Emocional envolve a expectativa de que os outros não irão satisfazer as necessidades do indivíduo de apoio emocional. Assim, compreende-se que emergjam as emoções tristeza, solidão e vazio, associadas à percepção de ausência de atenção, carinho, afecto, compreensão e partilha.
Grandiosidade (não emergiu nenhuma emoção)		
Auto-controlo Insuficiente	Tristeza	Este EMP é caracterizado pela dificuldade em exercer auto-controlo e em tolerar a frustração de forma a atingir os objectivos pessoais. O facto de os indivíduos que possuem este EMP, como consequência desta dificuldade, não atingirem os seus objectivos pessoais pode ser percebido como uma perda (ou estar associado à sensação de perda) e daí a emergência de tristeza. Neste EMP seria expectável que emergisse também a emoção raiva (dirigida ao próprio, pela sensação de falta de controlo sobre as suas emoções e impulsos).

Relativamente ao EMP Grandiosidade não emergiu nenhuma emoção como estando associada a este esquema. Também no EMP Auto-controlo Insuficiente, apesar de ter emergido a emoção tristeza, as médias das intensidades de todas as emoções (incluído a tristeza) são baixas quando comparamos com as emoções nos outros EMP. Esta inespecificidade pode estar relacionada com a natureza destes próprios esquemas. Enquanto os anteriores EMP traduzem visões distorcidas de si próprio e dos outros, quer o EMP Grandiosidade, quer o EMP Auto-controlo Insuficiente parecem funcionar mais como processos através dos quais esquemas nucleares se parecem manter.

O EMP Grandiosidade surge muitas vezes como um esquema compensatório de outros esquemas nucleares que envolvem a visão do

próprio como inferior (como os EMP Defeito e Fracasso). Assim, o desenvolvimento de determinadas crenças (nomeadamente crenças de superioridade em relação aos outros), atitudes e comportamentos associados a este EMP protege o indivíduo da visão negativa de si. É, pois, natural que o indivíduo esteja a proteger não só a visão de si como inferior, mas também da activação emocional negativa associada a essa visão.

No caso do EMP Auto-controlo Insuficiente, apesar de ter emergido a emoção Tristeza, as médias da intensidade das emoções nas análises descritivas quando este EMP é activado (cf. Quadro 2.8.1) são consideravelmente mais baixas do que as médias da intensidade das emoções relativamente aos outros EMP. O EMP Auto-controlo Insuficiente frequentemente aparece associado a padrões de grandiosidade e deriva do facto do sujeito fazer um esforço consciente para não obedecer a regras, para continuar a sentir-se acima da lei e das normas, sentir-se especial e acima dos outros; outras vezes o endosso neste EMP é feito por indivíduos que activam emoções negativas de forma intensa em situações do dia-a-dia que, mesmo com baixo limiar de activação esquemática, são capazes de activar EMP primários. A experiência clínica mostra que indivíduos com perturbação comportamental severa tendem a utilizar estratégias de *acting-out* (i.e., explosões temperamentais, ataques, etc.) como forma de evitar experienciar as emoções negativas associadas à activação do EMP primário e evitar processar o conteúdo cognitivo associado a esse EMP. A tristeza parece estar mais associada à auto-análise que o indivíduo faz da sua falta de controlo e de auto-regulação, do que ser propriamente uma consequência da activação deste EMP, não tendo emergido outras emoções específicas associadas a este esquema.

Como já foi referido, as emoções específicas que emergem como associadas aos Esquemas Mal-adaptativos Precoces de Abandono, Defeito, Fracasso, Desconfiança/Abuso, Isolamento Social, Privação Emocional, Grandiosidade e Auto-controlo Insuficiente, são consistentes com as formulações teóricas de acordo com a TFE. Por outro lado, a experiência clínica, inclusive em contextos forenses, ilustra frequentemente os resultados por nós encontrados. Por exemplo: a vergonha predomina muitas vezes em doentes com temáticas de Defeito no auto-conceito e tende a aparecer em muitos doentes com EMP de Fracasso juntamente com activação ansiógena e vivências de humilhação; a raiva está tipicamente presente em doentes com vivências de abuso (EMP Desconfiança/Abuso); sendo que a solidão e a tristeza surgem repetidas vezes em doentes com vivências de Isolamento Social e Privação Emocional; nestes últimos EMP, os sentimentos de vazio aparecem com alguma especificidade na prática clínica, tal como em doentes com vivências de abandono (EMP Abandono).

Estes dados parecem suportar os nossos resultados acerca do padrão emocional específico que encontrámos como estando associado à activação de cada EMP subjacente ao comportamento anti-social.

No **segundo estudo** testámos se a intensidade da activação emocional varia ou não em função do endosso no esquema. Os resultados apontam para a existência de diferenças estatisticamente significativas entre a amostra com

EMP e a amostra sem EMP, no sentido de os sujeitos com o EMP apresentarem maior intensidade da activação emocional específica do que os sujeitos sem o EMP, qualquer que seja o EMP em análise. Tal não só vai de encontro à hipótese que apontámos previamente de que os sujeitos com maior endosso em determinado EMP apresentariam maior intensidade da activação emocional (H2), como é congruente com o que a TFE teoriza. De facto, Young (1990, 2003) preconiza que os EMP são activados por situações congruentes com o conteúdo dos EMP e que esta activação é acompanhada de intenso afecto disruptivo, sendo que quanto maior for a proeminência do EMP, mais intenso será o afecto negativo. Assim, compreende-se que, no âmbito deste estudo, uma vez activado o EMP (pelo cenário activador) em determinados sujeitos, a intensidade de afecto negativo seja mais elevada nestes comparativamente aos sujeitos que não activaram o EMP.

Por último, no **terceiro estudo** averiguámos se a intensidade da activação emocional varia em função do grau de patologia comportamental, isto é, se os sujeitos com e sem perturbação comportamental se diferenciam na intensidade da activação do afecto negativo associado a cada EMP e se, nos sujeitos com perturbação comportamental, existem diferenças consoante tenham menor ou maior grau de patologia comportamental (Perturbação de Oposição vs. Perturbação de Conduta).

Uma vez que a Perturbação de Conduta é conceptualizada como mais grave e severa do que a Perturbação de Oposição (Aylward, 2003; Connor, 2002; Farrington, 1997; Lahey & Loeber, 1997; Loeber et al., 2000) e que, como apontaram os resultados de Pinto (2010), os adolescentes com condutas mais graves tendem a apresentar maior endosso nos EMP postulados como subjacentes ao comportamento anti-social, a nossa hipótese inicial era de que quanto maior o grau de perturbação comportamental, maior a intensidade de activação emocional disruptiva que o endosso no esquema despoleta. Deste modo, esperávamos que os jovens com Perturbação de Conduta demonstrassem uma maior intensidade de activação emocional específica associada aos EMP do que os sujeitos com Perturbação de Oposição e que estes últimos apresentassem maior activação emocional relativamente aos jovens normais (H3.2).

No entanto, o que este último estudo mostra é que, ainda que as diferenças entre os três grupos de sujeitos nem sempre sejam estatisticamente significativas, há nitidamente uma tendência relativamente ao grau de intensidade da activação emocional disruptiva: os jovens sem perturbação comportamental têm claramente menor activação emocional disruptiva, mas quem activa de forma mais intensa são os jovens com Perturbação de Oposição (e não os jovens com Perturbação de Conduta como esperado). Além disso, as diferenças estatisticamente significativas ocorreram predominantemente entre o grupo dos jovens normais e o grupo dos jovens com Perturbação de Oposição. Surgiram várias hipóteses que nos parecem poder explicar estes resultados. Por um lado, os indivíduos com Perturbação de Oposição, como não são tão perturbados como os indivíduos com Perturbação de Conduta, podem ter maior capacidade de

reconhecimento e identificação das emoções e lidarem melhor com a experiência emocional negativa, ou seja, haverá um maior auto-conhecimento destes indivíduos sobre a especificidade da activação emocional, enquanto os indivíduos com Perturbação de Conduta podem ter défices na capacidade de identificação e reconhecimento dos estados emocionais. Por outro lado, os sujeitos com Perturbação de Conduta podem activar e identificar esta activação emocional, mas não endossarem essa activação pois reconhecer essa activação significaria para si, de alguma forma, admitir que são “descontrolados” e interpretariam esta activação com um sinal de fragilidade ou inferioridade, havendo, assim, algum evitamento cognitivo (não pensar no Eu como descontrolado e que está a sofrer) por parte destes sujeitos. Além do possível evitamento cognitivo, poderá haver também um processo de evitamento emocional, na medida em que os indivíduos com Perturbação de Conduta podem estar, de alguma forma, a bloquear as emoções negativas que a activação dos EMP acarreta.

Como excepções a esta tendência geral, no EMP Desconfiança/Abuso são os jovens com Perturbação de Conduta aqueles que activam de forma mais intensa a emoção Raiva (de acordo com o esperado) e, relativamente ao EMP Isolamento Social, são os sujeitos com Perturbação de Conduta aqueles que revelam menor intensidade na activação da emoção Solidão, o que poderá estar relacionado com o suporte que estes jovens sentem relativamente aos pares desviantes, favorecendo o seu sentido de pertença a um grupo.

Apesar da referida tendência relativamente à intensidade da activação emocional consoante o grau de severidade da perturbação comportamental, em algumas comparações (nomeadamente nos EMP Fracasso e Privação Emocional) os três grupos não se diferem de forma estatisticamente significativa entre si relativamente à intensidade da activação de algumas emoções ou da sua totalidade. Pensa-se que tal pode estar relacionado com o facto de os sujeitos com patologia comportamental recorrerem a processos de evitamento cognitivo e/ou emocional como estratégias para lidar com a activação do conteúdo cognitivo dos EMP, não tendo sido a metodologia de activação emocional suficientemente eficaz em atenuar completamente os processos esquemáticos de evitamento. Também pode ter a ver com o facto de não termos seleccionado apenas os sujeitos que endossavam no EMP, e haver algum enviesamento nos resultados. Por outro lado, nos sujeitos que constituem a nossa amostra pode haver uma menor proeminência no auto-conceito destes EMP em particular e, por isso, não activarem de forma tão intensa como noutros EMP.

Relativamente às limitações deste estudo que poderão ter influenciado os resultados apresentados, consideramos que uma delas está relacionada com o facto de o diagnóstico entre a Perturbação de Oposição e a Perturbação de Conduta, na maioria dos casos, ter sido baseado na *Checklist* do Comportamento Anti-social, o que pode não traduzir uma avaliação fidedigna da gravidade do comportamento anti-social, na medida em que este instrumento não possui o rigor das entrevistas de diagnóstico

convencionais. O ideal seria, pois, uma avaliação mais rigorosa para atribuímos, com alguma segurança, o diagnóstico de Perturbação de Oposição ou Perturbação de Conduta aos jovens da nossa amostra. Outra limitação que apontamos está relacionada com o tamanho díspar das três amostras utilizadas neste trabalho, uma vez que a amostra de jovens da população geral era consideravelmente maior que as restantes e o tamanho da amostra de jovens com Perturbação de Oposição era nitidamente inferior ao tamanho da amostra de jovens com Perturbação de Conduta. Ainda outra limitação poderá ser o facto destas três amostras se distinguirem de forma estatisticamente significativa no que diz respeito aos dados sociodemográficos.

Investigações futuras deverão ser concretizadas a fim de testar os resultados obtidos neste trabalho. Estudos com amostras independentes das amostras deste estudo devem testar os resultados encontrados e averiguar se, de facto, o padrão de activação emocional é idêntico em amostras de jovens não delinquentes (com patologia não externalizante).

Seria também pertinente repercutir estes estudos em adultos com Perturbação Anti-social da Personalidade. Para tal, teria que ser adequada a metodologia de activação emocional, por exemplo, utilizando o IAECA-R. Apesar de este instrumento não avaliar a totalidade dos EMP considerados subjacentes ao comportamento anti-social (uma vez que não contempla os EMP Grandiosidade e Auto-controlo Insuficiente), seria possível averiguar se as emoções que surgem associadas aos EMP Abandono, Defeito, Fracasso, Desconfiança/Abuso, Isolamento Social e Privação Emocional, são congruentes com os resultados desta investigação.

Seria, ainda, interessante, a realização de estudos deste âmbito em amostras com outras perturbações (nomeadamente com Perturbações da Personalidade) e verificar se as emoções que emergem como associadas à activação dos EMP são idênticas às encontradas neste trabalho.

VI - Conclusões

Partindo dos objectivos iniciais e hipóteses colocadas, os resultados deste trabalho permitiram chegar a um padrão de activação emocional qualitativamente distinto associado a cada EMP postulado como subjacente ao comportamento anti-social, que se revela congruente com a componente cognitiva dos vários EMP (Young, 1990; Young et al., 2003) e semelhante aos padrões encontrados em estudos anteriores (Rijo, 2009; Capinha, 2009; Pinto, 2010). Por outro lado, ficou claro que são os sujeitos com maior endosso no esquema, aqueles com maior activação emocional disruptiva, tal como preconizado pela TFE (Young, 1990, Young et al., 2003). Os resultados revelam também que, de uma forma geral, embora os três grupos de jovens nem sempre difiram entre si de forma estatisticamente significativa, parece haver uma tendência relativamente ao grau de activação emocional disruptiva associada aos referidos EMP, na medida em que são os sujeitos da amostra normal que activam menos intensamente o afecto

negativo associado aos EMP e os jovens com Perturbação de Oposição aqueles que revelam maior intensidade da activação emocional.

Os padrões emocionais encontrados neste estudo podem contribuir para uma melhor compreensão do comportamento anti-social, na medida em que permitem compreender muitas das reacções extremadas dos indivíduos com comportamento anti-social e explicar também as explosões temperamentais e os padrões comportamentais disfuncionais marcados por impulsividade, agressividade e ataque, característicos nestes indivíduos. Além disso, a confirmarem-se os dados alcançados nesta investigação, estudos acerca do impacto das intervenções com jovens delinquentes, mais do que procurarem padrões inespecíficos de modificação das respostas emocionais, podem procurar especificamente alterações no padrão emocional por nós encontrado.

Por outro lado, se se confirmarem as hipóteses explicativas de que os sujeitos com Perturbação de Conduta têm maior dificuldade na identificação e reconhecimento das emoções e em lidar com estados emocionais disruptivos, associada a possíveis processos de evitamento cognitivo e/ou emocional, daqui resultam algumas implicações ao nível da intervenção com estes jovens. Neste sentido, no caso dos jovens com Perturbação de Conduta, seria fundamental desenvolver um trabalho mais exaustivo no sentido da psicoeducação acerca das emoções, promovendo a activação emocional e combatendo os processos de evitamento cognitivo e emocional, através do desenvolvimento de competências de identificação, reconhecimento e regulação emocional (lidar de forma funcional com a activação emocional disruptiva).

Bibliografia

- Alford, B. A., & Beck, A. T. (1997). *The integrative power of cognitive therapy*. New York: Guilford Press.
- American Psychiatric Association (2000). *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais* (4ª. Ed. – Revisão de Texto). Lisboa: Climepsi Editores.
- Aylward, G. P. (2003). *Practitioner's guide to behavioral problems in children*. New York: Kluwer Academic.
- Ball, S. A., & Cecero, J. J. (2001). Addicted patients with personality disorders: traits, schemas, and presenting problems. *Journal of Personality Disorders*, 15, 72-83.
- Beck, A. T., Freeman, A., & Associates (Eds.). (1990). *Cognitive therapy of personality disorders*. New York: The Guilford Press.
- Beck, A. T., Rush, A. J., Shaw, B. F., & Emery, G. (1979). *Cognitive therapy of depression*. New York: Guilford Press.
- Beck, A. T., Emery, G., & Greenberg, R. L. (1985). *Anxiety disorders and phobias: A cognitive perspective*. New York: Basic Books
- Bernstein, D., Arntz, A., & Vos, M. (2007). Schema focused therapy in forensic settings: Theoretical model and recommendations for best clinical practice. *International Journal of Forensic Mental Health*, 6 (2), 169-183.
- Brasão, N. (2011). Gerar Percursos Sociais (GPS), um programa de prevenção e reabilitação para indivíduos com comportamento anti-social: Contributos para o estudo de validação em contexto de Centro Educativo. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, na sub-área de especialização Intervenções Cognitivo-Comportamentais em Perturbações Psicológicas e Saúde, apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra
- Calvete, E. (2007). Justification of violence beliefs and social problem-solving as mediators between maltreatment and behavior problems in adolescents. *The Spanish Journal of Psychology* 10, 131-140.
- Calvete, E. (2008). Justification of violence and grandiosity schemas as predictors of antisocial behavior in adolescents. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 36, 1083-1095.
- Calvete, E., & Orue, I. (2010). Cognitive schemas and aggressive behavior in adolescents: the mediating role of social
- Padrões Emocionais associados aos Esquemas subjacentes ao Comportamento Anti-social - estudos com adolescentes da população geral e com jovens delinquentes
Daniela Filipe Pires Simões Rodrigues (e-mail: danielafpsrodrigues@gmail.com) 2012

- information processing. *Spanish Journal of Psychology*, 13, 189-200.
- Capinha, M. (2009). Auto-representações em adolescentes com condutas anti-sociais: Inventário de Avaliação de Esquemas por Cenários Activadores – Comportamento Anti-Social (IAECA-CA). Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e Saúde, na área Intervenções Cognitivo-Comportamentais em Perturbações Psicológicas e Saúde, apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Connor, D. F. (2002). The Relationship between Categorical Psychiatric Diagnosis and Agression. In D. F. Connor (Ed.), *Agression and Antisocial Behavior in Children and Adolescents: Research and Treatment*. New York: The Guilford Press.
- Crick, N. R. & Dodge, K. A. (1994). A review and reformulation of social information processing mechanism in children's social adjustment. *Psychological Bulletin*, 115 (1), 74-101.
- Dishion, T. J. & Patterson, G. R. (2006). The development and ecology of antisocial behavior in children ad adolescents. In D. Cicchetti & D. J. Cohen (Eds.), *Developmental Psychopathology: Risk, disorder and adaptation*, vol 3, (2nd ad, pp.503-541). New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Dodge, K. A., & Pettit, G. S. (2003). A biopsychological model of the development of chronic conduct problems in adolescence. *Developmental Psychology*, 39, 349-371.
- Dodge, K. A. & Schwartz, D. (1997). Social information processing mechanisms in aggressive behavior. In D. M. Stoff, J. Breiling & J. D. Maser (Eds.), *Handbook of antisocial behavior*. New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Ellis, A., & Bernard, M. E. (1985). *Clinical applications of rationale-emotive therapy*. New York: Plenum.
- Farrington, D. P. (1997). A Critical Analysis of Research on the Development of Antisocial Behavior From Birth to Adulthood. In D. M. Stoff, J. Breiling & J. D. Maser (Eds.), *Handbook of antisocial behavior*. New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS* (3rd edition). London: Sage Publications, Inc.
- Fonseca, A. C. (2000). Comportamentos anti-sociais: uma introdução. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, ano XXXIV, 1, 2 e 3, 9-36.

- Huesmann, L. R., & Guerra, N. G. (1997). Children's normative beliefs about aggression and aggressive behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72(2), 408-419.
- Kagan, J. (2004). Comportamento anti-social: contributos culturais, vivenciais e temperamentais. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e crime: Da infância à idade adulta* (pp. 133-160). Coimbra: Almedina.
- Lahey, B. & Loeber, R. (1997). Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder, Oppositional Defiant Disorder, Conduct Disorder, and Adult Antisocial Behavior: A life span perspective. In D. M. Stoff, J. Breiling & J. D. Maser (Eds.). *Handbook of antisocial behavior*. New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Lewis, J. A. (2005). Early maladaptive schemas and dysfunction in adolescence: An investigation of the moderating effects of coping styles. Dissertação de Doutoramento em Filosofia apresentado ao Departamento de Psicologia da Universidade de Fordham.
- Loeber, R., Burke, J., Lahey, B., Winters, A. & Zera, M. (2000). Oppositional defiant and conduct disorder: A review of the past 10 years, part I. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 39, 1468-1484.
- Loeber, R. & Farrington, D. P. (2001). *Child Delinquents: Development, Intervention, and Service Needs*. California: Sage Publications, Inc.
- Moffitt, T. E. (1993). Life-course-persistent and adolescence-limited anti-social behavior: A developmental taxonomy. *Psychological Review*, 100, 674-701.
- Moffitt, T. E. & Caspi, A. (2000). Comportamento anti-social persistente ao longo da vida e comportamento anti-social limitado à adolescência: os seus preditores e suas etiologias (A. C. Fonseca & F. Cardoso, trads.). *Revista Portuguesa de Pedagogia*, ano XXXIV, nº1, 2 e 3, 65-106.
- Patterson, G. R. & Yoerger, K. (2002). A developmental model for early and late-onset delinquency. In J. B. Reid, G. R. Patterson & J. Snyder (Eds.). *Antisocial behavior in children and adolescents: A developmental analysis and model for intervention* (pp.147-172). Washinton, DC: APA.
- Patterson, G. R., Reid, J. B. & Dishion, T. J. (1992). *Anti-social boys*. Eugene, OR: Castalia.
- Pinto, J. (2010). Inventário de Avaliação de Esquemas por Cenários

- Activadores – Comportamento Anti-Social (IAECA-CA): estudos de validação numa amostra de jovens com problemas de comportamento. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e Saúde, na área Intervenções Cognitivo-Comportamentais em Perturbações Psicológicas e Saúde, apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Rijo, D. (2000). Avaliação de Esquemas Mal-adaptativos Precoces e psicopatologia: exploração de diferentes metodologias de avaliação. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Rijo, D. (2009). Esquemas Mal-Adaptativos Precoces: Validação do conceito e dos métodos de avaliação. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Rijo, D. & Sousa, M. N. (2004). Gerar Percursos Sociais (GPS), um programa de prevenção e reabilitação para jovens com comportamento desviante – bases conceptuais, estrutura e conteúdos. *Infância e Juventude*, 4 (2), 33-74. Lisboa: Instituto de Reinserção Social.
- Rijo, D., Sousa, M. N., Lopes, J., Pereira, J., Vasconcelos, J., Mendonça, M. C., Silva, M. J., Ricardo, N., & Massa, S. (2007). *Gerar Percursos Sociais: Programa de prevenção e reabilitação para jovens com comportamento social desviante*. Ponta Delgada: Equal.
- Safran, J.D. & Segal, Z.V. (1990). *Interpersonal process in cognitive therapy*. New York: Basic Books, Inc
- Stein, D. J., & Young, J. E. (1992). Schema approach to personality disorders. In D. J. Stein & J. E. Young (Eds.), *Cognitive science and clinical disorders* (pp. 271 -288). San Diego: Academic Press, Inc.
- Stoff, D. M., Breiling, J. & Maser, J. D. (1997). *Handbook of antisocial behavior*. New York: John Wiley & Sons, Inc
- Tremblay, P. F., & Dozois, D. J. (2009). Another perspective on trait aggressiveness: Overlap with early maladaptive schemas. *Personality and Individual Differences*, 46, 569-574.
- Young, J. E. (1990). *Cognitive Therapy for personality disorders: A schema-focused approach*. Sarasota, FL: Professional Resource Exchange, Inc.

- Young, J (1991). *Young Schema Questionnaire — Revised*. (Versão Portuguesa de J. Pinto Gouveia, M. C. Salvador, & D. Rijo, 1996).
- Young, J. E. (2005). *Young Schema Questionnaire -S3*. Cognitive Therapy Center of New York. (Versão portuguesa traduzida e adaptada por J. Pinto Gouveia, D. Rijo e M. C. Salvador, 2006).
- Young, J. E. & Lindemann, M. D. (1992). An integrative schema-focused model for personality disorders. *Journal of Cognitive Psychotherapy: An international quarterly*, 6 (1), 11-23.
- Young, J. E. & Klosko, J. S. (1994). *Reinventing your life: The breakthrough program to end negative behavior and feel great again*. New York, NY: Plume.
- Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2003). *Schema Therapy. A practioner's guide*. New York: The Guilford Press.

Anexo (Instrumentos utilizados)